

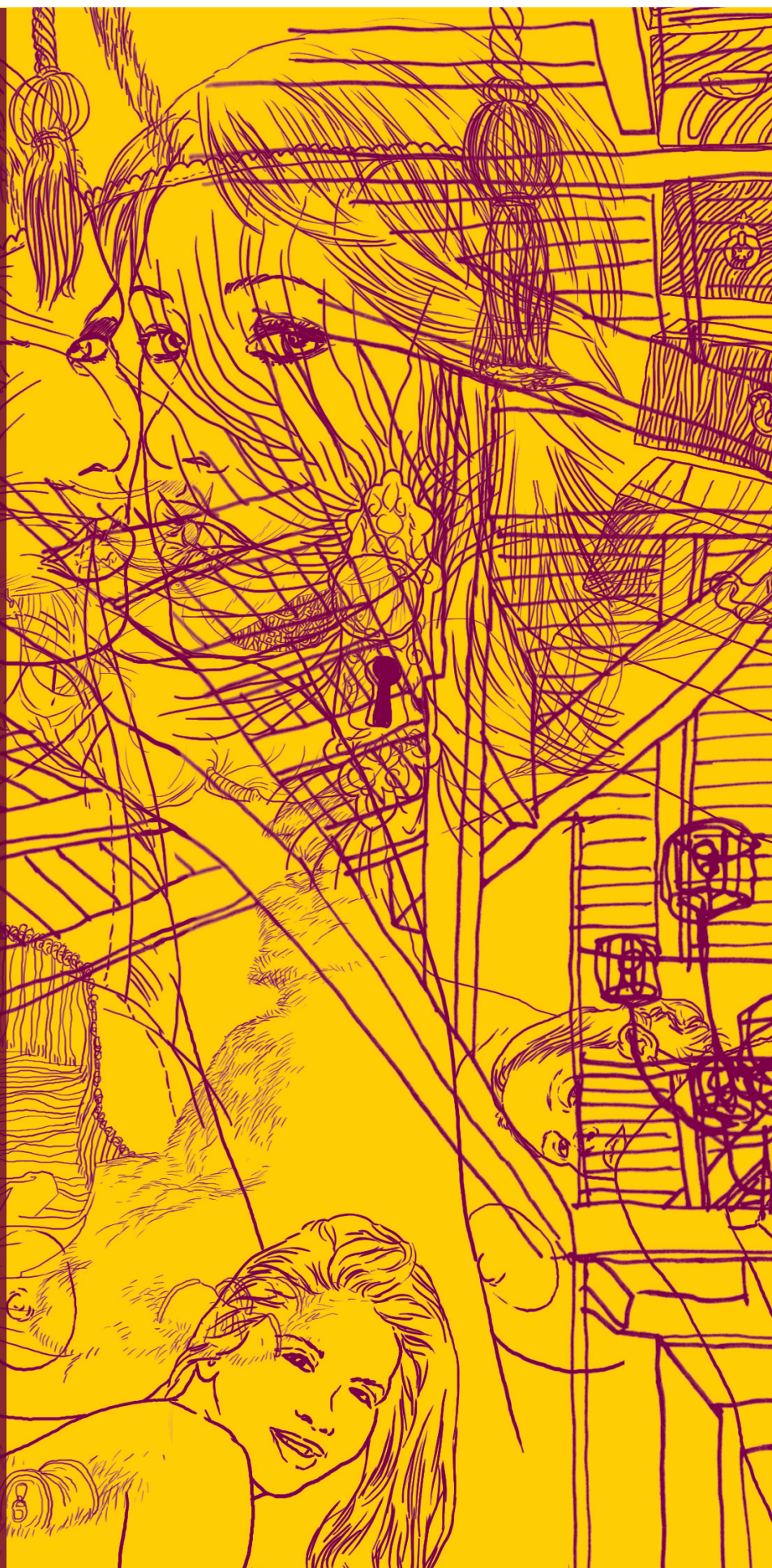
OVERMUNDO

no. 03
set-out 2011
overmundo.com.br

#sexo
#sagrado
#profano
#afrodisíacos
#quadrinhos
#cinema
#poesia



prêmio
SESC RIO
de fomento à cultura



Realização	Colaboraram para esta edição
Instituto Overmundo	Buca Dantas e Matyeu Duvignaud (RN)
—	Bruno Azevêdo (MA)
Conselho Diretor	Elis de Aquino (RJ)
Hermano Vianna	Mara Coradello (ES)
Ronaldo Lemos	Mariana Filgueiras (RJ)
José Marcelo Zacchi	Milton Francisco (AC)
—	Natacha Maranhão (PI)
Direção Executiva	Pedro Rocha (CE)
Oona Castro	Rodrigo Cabrera (SP)
—	Rodrigo Teixeira (MS)
Coordenação Editorial	Viktor Chagas (RJ)
Viktor Chagas	Vladimir Cunha (PA)
—	e muitos outros
Coordenação de Tecnologia	—
Felipe Vaz	Capa
—	Rafael Coutinho
Coordenação de Economia da Cultura	—
Olívia Bandeira	Imagens
—	Rafael Coutinho
Editora-Chefe	Buca Dantas e Matyeu Duvignaud
Cristiane Costa	Bruno Azevêdo
—	Carolina Melo
Editores Assistentes	Daniel Carvalho
Viktor Chagas	Diego Nunes
Inês Nin	Diogo Henriques
—	Eduardo Filipe, o Sama
Edição de arte	Iramir Araujo
Bemvindo Estúdio	Jean Okada
—	Luciano Irrthum
Projeto gráfico original para versão estática	Mariana Filgueiras
Retina 78	Milton Francisco
—	Monalisa Ribeiro
Projeto e desenvolvimento de aplicativo para iPad	Rafael Rosa
Metaesquema Projetos em Arte e Tecnologia	Robert
Sistemas	Rodrigo Cabrera
Cabot Technology	Rodrigo Teixeira
Solutions Pvt. Ltd.	Rômulo
—	Waldeilson Paixão
	Will
	e outros
	—

A Revista Digital Overmundo é resultado do Prêmio SESC Rio de Fomento à Cultura na categoria Novas Mídias 2010 e derivada do site Overmundo, patrocinado desde seu lançamento pela Petrobras.



O conteúdo desta revista eletrônica integra o site Overmundo e está disponível sob uma licença Creative Commons Atribuição-Uso não-comercial-Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil (CC BY-NC-SA 3.0).

Pautas e sugestões de pautas para a Revista Overmundo podem ser publicadas diretamente no site Overmundo. A equipe editorial da revista está de olho nos conteúdos que circulam na rede. Quem sabe não é uma boa oportunidade para você exercer a sua veia de repórter e contar pra gente o que de bacana acontece na cena por aí, na sua cidade? ;-)

editorial

Caríssimos leitores, é com *muito prazer* que anunciamos a Revista Overmundo nº 3! Com prazer, mas também com muito amor e carinho, e uma pitada de selvageria. Vamos falar de... SEXO!

Mal estreou como site, em 2006, e o Overmundo já teve em sua primeira “manchete” um indício: um diretor de filmes pornôs de sucesso em plena Belém. Os primeiros meses se passaram e fomos aos poucos percebendo. O assunto rendia. E rendia tanto que ainda hoje figuram entre as colaborações mais acessadas do site vários artigos e conteúdos, digamos, mais “apelativos”. Não tem jeito: sexo é preferência do internauta! Muita gente, é claro, caía no Overmundo por acaso, sem se aperceber de que, ali, podia não haver exatamente o que procurava. (Um depoimento curioso, por exemplo, data de 2007. Marcelo V. contava que seu blog, de uma hora para outra, havia sido “invadido” por uma série de visitantes que procuravam pela expressão “sexo com anões” em buscas na internet. Sem contar exatamente com o conteúdo que lhes interessava, Marcelo ficou intrigado a ponto de postar no Overmundo um texto comentando o caso. Pronto. Não demorou muito para que os buscadores indexassem o seu texto, e também o Overmundo se tornasse “referência” sobre o assunto

rede afora. Tática rudimentar e inconsciente de SEO, a lembrança sempre nos diverte.) Mas as relações entre sexo e cultura brasileira vão muito além do erotismo e da pornografia.

Como se pode notar nas páginas a seguir, não são raros os momentos em que sexo e religiosidade se aproximam. É quase uma atração fatal. Em Boa Saúde (RN), por exemplo, uma festa regada a muita orgia e sexo ao ar livre com caminhões (literalmente) de prostitutas que chegam à região abre os festejos religiosos em que a padroeira da cidade é homenageada. A Festa do Rio, como é chamada, é a mistura mais clara do sagrado com o profano no sincretismo verde-amarelo. Mas não a única. A poesia de Waldo Motta, gênio capixaba que já havia sido notícia no site em 2006 e em 2009, também se funda nos valores místicos do erotismo sagrado, ou da “religião” (do latim *religare*, ou “ligar pela ré” em tradução do próprio). Em vários sentidos, a entrevista com Waldo é reveladora...

Outro poeta das segundas intenções marca presença nesta edição. É o “rei da sacanagem” Zé Duda, último bastião do repente pornográfico no Rio de Janeiro. Paraibano, seu Zé Duda tem um cardápio de rimas com mais e menos pimenta, todas impublicáveis. Como são



Rafael Coutinho

também impublicáveis as cenas dos filmes de Antônio Snake, o Buttman da Amazônia. Aquele que foi o primeiro *hit* do Overmundo, o cineasta continua bombando e é já um “clássico” entre os realizadores independentes do Pará. Os filmes de Snake, contudo, não têm a mesma pretensão “artística” que os ensaios sensuais de Lucas Celebridade, cantor e professor piauiense que ganhou fama nas mídias sociais e é protagonista de uma série de fotos impagáveis.

De fotos e vídeos vivem também os idealizadores da ONG *Fuck For Forest*, que promove orgias, inclusive no Brasil, em troca da geração de fundos para doação a projetos ambientais. De atuação controversa, o FFF prega o amor livre à moda da contracultura.

Sexo, drogas, *rock’n’roll*... e dor?! Os adeptos do “sado-masô” (ou *BDSM*, para os entendidos) explicam que não desejam mal a quase ninguém. Tudo bem, qualquer maneira de amor vale a pena.

Como, porém, não é só sexo que desta edição exala, guardamos, como sempre, espaço para outros perfumes. Para recuperarmos um pouquinho da conversa que tivemos na edição anterior, vamos nos aventurar por outra tríplice fronteira? Brasileia e Epitaciolândia, no Acre, e Cobja, na Bolívia, vão do tacacá ao portunhol, passando

pelo chimarrão, nas saborosas aventuras de um sulista na Amazônia. Já viu este filme? Então, conheça a história do pintor de cinemas que virou cineasta em São Carlos (SP).

Na entrevista com novos autores da ficção brasileira, Bruno Azevêdo dá as caras, misturando literatura, quadrinhos, jornalismo, cinema e quais outras linguagens puder nos seus escritos. Bruno é autor, com Gabriel Girnos, do romance festifud *O Monstro Souza*, sobre um cachorro-quente assassino (!!!). De um universo ficcional das chamadas artes sequenciais também surge Rafa Coutinho, ilustre artista que ilustra nossa capa.

Para encerrar, o leitor está convidado a provar do caldo de piranha, afrodisíaco pantaneiro cuja receita é facinha, facinha. Quem já provou garante que levanta até defunto.

Cristiane Costa
Viktor Chagas

P.S.: Esta revista pode conter reportagens com cenas de relação sexual, nudez e carícias íntimas, violência detalhada e mais alguns outros tabus. Leitura recomendada para maiores de dezoito. :-P

sumário

—

6	Festa do Rio:	34	Tá doendo?
	o Paradoxo da Beleza	—	
	—	40	Overmundo em pílulas
8	O gozo poético do	—	
	libertino das palavras	42	Um sulista na Amazônia
	—	—	
14	“Sei que eu sou bonito	46	O pintor de cinema
	e gostoso, sei que você	—	
	me olha e me quer”	50	Cachorroquente assassino,
	—		romance arrasaquarteirão
18	Sexo selvagem	—	
	—	60	Literatura “festifud”
24	Antônio Snake:	—	
	o Buttman da Amazônia	68	Afrodisíaco pantaneiro
	—	—	
28	Zé Duda da Paraíba:	72	Criação expandida
	“o rei da sacanagem”	—	
	—		

Festa do Rio: o paradoxo da beleza

Na véspera do dia da padroeira da cidade, os homens de Boa Saúde (RN) se reúnem em festejo que mistura sagrado e profano, com fartos banquetes e muito sexo com prostitutas ao ar livre.

Buca Dantas e Matyeu Duvignaud

Texto e filme são parte integrante do projeto Micro Mundo, série de microdocumentários de Buca Dantas e Matyeu Duvignaud.



Uma festa popular e aberta. Uma pequena e pacata cidade, encravada no sertão semi-árido do Nordeste brasileiro. Dia da padroeira. As pessoas [homens, mulheres, adultos e jovens, mas nenhuma criança] vão se aglomerando no leito do rio seco, enquanto curiosos se acotovelam em cima da ponte. Cena de piquenique. Comida, lençóis no chão, bebida e muita conversa.

Mas o assunto é outro...

Todo ano, no primeiro dia de fevereiro, centenas [isso mesmo, centenas] de prostitutas se reúnem no leito seco do Rio Trairy, na pequena e [até o dia anterior e a partir do dia seguinte] bucólica cidade de Boa Saúde, distante 80 km de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Um dia depois, começam os festejos da padroeira da cidade. É o profano e o sagrado, um após o outro.

A Festa do Rio é uma das festas populares mais profanas existentes no Brasil e que acontece há 130 anos. [Já é uma festa centenária!] No início da tarde começam

18



a chegar os homens, a maioria já habituada com o ritual. Jovens rapazes, curiosos e ansiosos, ficam mais distantes, observando e aprendendo como participar. Aos poucos as mulheres chegam, de carro, ônibus e até em caminhões [todos fretados]. Elas vêm de várias partes do estado para venderem sexo, barato e rápido.

A cena da chegada delas é cinematográfica. O som dos motores dos carros é superado pelos urros dos homens, verdadeiros gritos de amor, pilhérias e outras saudações. Os carros param e os homens se comprimem formando um corredor para que as mulheres tenham acesso ao leito do rio, embaixo da ponte. O ambiente toma um aspecto de urgência, como se algo fosse acontecer a qualquer momento. O som, os odores e o frenesi deixam a realidade em suspenso.

Os espectadores estão sobre a ponte, os protagonistas embaixo. O sol vai se pondo. As mulheres fazem uma refeição em mesas postas sob as juremas [árvore típica da região]. Os homens as rodeiam, como animais à espreita da caça acuada. A noite vai chegando e elas começam a dança de insinuações, caminhando por entre os grupos para que os homens ofereçam seus lances.

Enquanto há luz natural os casais procuram uma moita afastada, mas quando a noite cai, a festa atinge o clímax. Sexo em grupo, sem nenhuma cerimônia. Em cima da ponte já não há mais ninguém. O breu da noite apagou a tela. Foram ver a novena. Lá embaixo um rio de gente, fluindo nas ondas do sexo. Tudo isso sem a presença de um único policial. E nem precisa, pois a cerimônia é religiosa!

É uma beleza chocante, quase impossível, indescritível, inimaginável. No entanto, não se pode ignorar um evento que traduz nada mais que uma beleza profana, sempre velada, à margem da sociedade, e sobre a qual não nos caberia nenhum juízo de valor, afinal estamos diante de um fenômeno sociológico que carece de um olhar franco, ausente de preconceitos.

É o paradoxo da beleza. Acontecimento inédito capaz de chamar a atenção; de causar até admiração! É o belo sem pudor, sem ostentação. Imaginem uma beleza sem elegância, sem requinte e sem delicadeza; sem encanto e sem princesa; sem suntuosidade e sem fascinação; sem anjo, sem lírio e sem mimo; sem diva e sem ninfa, sem deusa nem rosa, sem fada, sem nada. Nem sublime nem solene, nem poético, nem suave, nem doce, nem suntuoso, nem mágico, porém pitoresco e inconcebível; de extraordinária tentação e esplêndida sedução. Elas [essas mulheres] eram tudo e nada disso, e se davam sem equilíbrio e sem prender o coração.

O gozo poético do libertino das palavras

Poeta do erotismo sagrado, Waldo Motta concede rara (e “suada”) entrevista em que comenta seus desbundes, epifanias e versos

Mara Coradello

Se soubéssemos apenas de sua poética e o quanto ele foi celebrado como uma das mais inventivas vozes da literatura brasileira, isso seria o suficiente. Mas para conhecermos Waldo isso seria raso: José Celso Martinez Corrêa, na orelha do livro *Bundo*, compara Waldo a Antonin Artaud, e Célia Pedrosa afirma que desde Adélia Prado não surgia na literatura brasileira uma poesia tão original e inconfundível. Waldo ainda transcende o rótulo de poeta para alçar outros: se diz criador de uma nova religião; pesquisador; performer; dramaturgo; diretor de suas próprias peças e palestrante portador de uma retórica que, afirmam seus ouvintes, é visceral e hipnótica. Sua “descobridora”, a pesquisadora Iumna Maria Simon, aponta em Waldo a “força da (sua) dicção poética, que é obscena, às vezes sacrílega, sempre herética, mas não libertina”. A contaminação ao entrevistar Waldo Motta desestabiliza o sentido de entrevista, por isso a metodologia usada foi múltipla: trechos de palestras, escritos de autores acadêmicos que pesquisam a obra de Waldo, conversas longas com o poeta e investigações sobre impressões pessoais e literárias de pares, amigos, e leitores.

O poeta Waldo Motta nasceu no dia 27 de outubro de 1959, no município de São Mateus, no

Espírito Santo. Publicou, entre outras as obras, *Eis o homem* (1987); *Bundo e outros poemas* (1996); *Recanto (poema das 7 letras)* (2002) e a coletânea *Transpaixão* (2009), esta última adotada para o vestibular da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) nas edições de 2010 a 2012. Foi bolsista por três meses na Villa Waldberta, na Alemanha (novembro de 2001 a janeiro 2002), uma residência para artistas, situada à beira do Lago Starnberger, de frente para os Alpes, na Baviera, nos arredores de Munique. Foi indicado como candidato ao prêmio pelo Instituto Goethe, de São Paulo, e concorreu com candidatos de 40 países. Em seguida, foi convidado pela Universidade da Califórnia, em Berkeley, Estados Unidos, para participar, em abril de 2002, do programa literário Writer-in-residence, que consistiu em recitar e falar de poesia para alunos do Departamento de Português (e de Espanhol) da Universidade da Califórnia e de Stanford. Foi indicado pelo Ministério da Cultura do Brasil, que desenvolvia este projeto literário em parceria com a universidade californiana.

Alguns dos seus poemas e pesquisas podem ser lidos no blog: <http://waldomotta.blogspot.com>.

18

fotos: Diego Nunes

Deus furioso

Waldo Motta

Estendi mãos generosas
a quantos o permitiram
e disse: sou Deus.
Porém, quem acreditou?

Fui humilhado,
escarnecido: Deus viado?
Fui negado e combatido.
Em meu amor entrevado,
cerrei lábios e ouvidos.
Até o amor reprimido
virar ódio desatado.
Rasguem céus e infernos,
ó gemidos e brados
de amor ressentido.
Raios partam quantos
meu amor tenham negado.
Prorrompam tormentas
em corações petrificados.
Quero ser amado
quero ser amado
quero ser amado

El niño

Waldo Motta

Filho do Pacífico
e tão violento
Belo e bélico moleque
irado rebento
do ventre da Terra.
Guri pirracento
erê malcriado
curumim danado
menino malino
pivete divino
el niño, el niño
- ecce puer senex!
Ai, Filho do homem
Jesus enfezado
sus, Exu Cricristo
ogunhê, Ogun
saravá, ave, salve
e salve-se quem puder!
Eis que o pombinho
da paz e do amor
virou um surucucu.
Mas assim como virou
pode desvirar também.
Tal birra peralta
na verdade, é falta
de vara no lombo.
Entonce, vem cá, meu bem
meu pequeno brucutu:
no cume do murundu
no oco do mucumbu
eu curo teu calundu.



Conforme o crítico Roberto Schwarz, sua poesia “toma o ânus do poeta como centro do universo simbólico. A partir daí mobiliza bastante leitura bíblica, disposição herética, leitura dos modernistas, capacidade de formulação, talento retórico e fúria social. O ponto de vista e a bibliografia fogem ao usual, mas o tratamento da opressão social, racial e sexual não tem nada de exótico”. O que tem a dizer sobre essa interpretação de sua obra? Estou certo de que o erotismo anal, em certas circunstâncias, seria o ponto alto de um culto mágico e libertário. Não sendo o ânus um órgão sexual, nem sendo elemento anatômico diferenciador dos gêneros sexuais, pois todos o têm, e pelas costas todos são iguais, para mim o erotismo anal não pode ser considerado como ato sexual, mas é indiscutivelmente um ato erótico, sendo, além disso, e antes de tudo, um ato religioso, visto que o *religare* pode ser entendido como ligar pela ré, por detrás, pelas costas. E não podendo ser considerado um ato sexual, e, sendo um ato religioso, seria mais adequado chamá-lo de erotismo sagrado. Adoremos, pois, a Deus em seus tabernáculos vivos, alegrando as nossas entranhas.

Considerando, ainda, que o sexo implica em diferenciação, separação, divisão; que pecar significa errar o caminho, o alvo, o rumo; e que religião/*religare*, também significa

ligar pela ré, isto é, pelo traseiro, entendo que somente o erotismo anal, através do coito ou da masturbação, pode ser definido propriamente como casamento sagrado, um casamento em que se desposa toda a família divina ao mesmo tempo: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, amém. Em Êxodo, 33:23, o Senhor diz a Moisés: Pelas costas me contemplará/olhará/adorará. No verbo que utiliza, “RAYTha”, notei que está contida a palavra fezes ou excremento, RAY, cujas três letras ReYSh, ÁLePh, YÓD, ocorrem abundantemente no contexto, estando inclusive na própria expressão “costas” ou “traseiro” ou “minhas costas” ou “meu traseiro”, ACh’ORaY. Em respeito ao conselho do Senhor (“pelas costas me verás...”), o diagrama da manifestação divina, concebido e chamado árvore sefirótica pelos cabalistas, é desenhado sobre a figura de um homem de costas. Esse diagrama é um mapa do Universo, e nos ensina, entre outras coisas, que a exterioridade do vasto mundo só nos revela o dorso de Deus, sendo a face divina ou sagrada outro mundo, oculto na interioridade de todos os seres e coisas.

É a salvação do corpo e da alma o que mais importa ao poeta, como já disse a João Silvério Trevisan, e como Iumna Maria Simon também observou. Porém, em minha poesia, alma e corpo ou espírito e carne ou energia e matéria ou isto e aquilo não são antípodas nem adversários; são

gradações, expressões e máscaras do mesmo ser e da mesma realidade. Explorando afinidades e semelhanças entre símbolos ou metáforas do sagrado no imaginário religioso, na mitologia e na cultura de povos diversos, meu pensamento é analógico, e, através de uma rigorosa matemática simbólica, quer provar que A=B=C=D, e assim sucessivamente. Engana-se quem acha que oscilo entre religião e sexualidade, chulo e sagrado, alto e baixo etc. No excelente ensaio “Revelação e desencanto”, publicado na revista *Praga*, Iumna constata que evito as polarizações, mas depois se contradiz ao ver discrepâncias exasperantes entre alto e baixo, chulo e sagrado, e assim, restrita a uma visão dialética, macaqueia o senso comum. Ora, não é difícil perceber em minha poesia que o nefando é a expressão do inefável, e que o nobre e agradável para Deus é o reles e execrável para a visão mundana etc. Aliás, o *Dicionário escolar latino-português*, organizado por Ernesto Faria [MEC, 1962], registra que, em se tratando de pessoas e coisas, o sagrado é o desprezível, maldito, abominável, infame etc. E assim, o fraco e o humilde, o ordinário e o vil é que têm precedência espiritual e a preferência divina. Ver discrepâncias exasperantes entre opostos em minha poesia é como encontrar chifre em cabeça de cavalo. Ora, não sou dialético, e sim paradoxal. E paradoxal define aquilo que é contra o senso comum.



E sendo paradoxal, paradoxalmente demonstro que na fraqueza podemos encontrar a força, e na baixeza a majestade etc. Esta é umas das ideias que fundamentam o meu pensamento e a minha visão de mundo.

—

A mudança na forma de compreensão da homossexualidade, e da sexualidade em geral, iniciou uma reviravolta em sua vida e em sua visão de mundo. Sua maneira de pensar mudou, ou quem sabe, se solidificou? No prefácio do meu livro *Bundo e outros poemas*, publicado em 1996 pela editora da Unicamp, informo que, a partir da metade dos anos 1980, passei a questionar seriamente a homossexualidade e a sexualidade em geral, iniciando uma reviravolta em minha vida e em minha visão de mundo. Já fazia uma poesia desbocada e atrevida, rasgando véus e desfraldando bandeiras. Mas, fugindo do mero escracho, passei a estudar e a refletir sobre tudo o que a cultura pudesse dizer sobre as minhas opções afetivas, eróticas, sexuais, e sobre as desconstruídas e conflitivas relações entre os sexos. *Bundo e outros poemas* é dividido em duas partes: a primeira, com poemas de *Bundo*, e a outra com poemas de *Waw*, um livro que ainda não teve edição solo. Com poemas escritos entre 1982 e 1991, *Waw* significa travessia, passagem, ponte; é o nome da 6ª letra do alfabeto hebraico e designa o anzol, o gancho

ou colchete, além da conjunção aditiva e. Ou seja, ligação, liame, laço, amor, sexo, erotismo, tudo isso está contido no simbolismo do número 6. Contudo, ironicamente, *Waw* registra o fracasso da busca e da união amorosa; propõe uma fraternidade inviável, um projeto de amor e convivência irrealizável. Qualquer busca de consolação exterior, no outro, está condenada ao fracasso, à insatisfação e ao rancor. Em *Waw*, descrevo a difícil superação ou travessia do mar terrível, da selva selvagem, da noite escura do amor, das paixões, das crenças e atitudes ingênuas. Saindo desse inferno, avistei as estrelas. Porém, a saída é para dentro, conforme descobri. Esse retorno ao princípio interior, através do erotismo sagrado, será a obsessão do monotemático e tautológico *Bundo*, escrito entre 1990 e 1995. Todo esse trajeto poético é retrospectivamente percorrido na recentíssima coletânea *Transpaixão* [edições Kabungo, 1999].

Lendo e meditando sobre a pleni-potenciária energia *kundalini*, fiquei perplexo e maravilhado, imaginando que enfim encontrara o tão desejado caminho para a grande viagem do autoconhecimento. E logo, pela graça da providência divina, fiquei sabendo que o conhecimento, em contexto bíblico, tem conotações eróticas, sensoriais. Pensei, então: isto é o verdadeiro autoconhecimento; isto é que é gnose. E aprendi que o corpo é o templo do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e de todos os deuses, sendo a

própria sede do Reino dos Céus. Assim percebi o quanto certas religiões escondem para impedir a experiência direta e total com o Deus Vivo. Algumas noções de língua hebraica e de numerologia, outras de Cabala e de mitologia, além do constante estudo dos símbolos, me permitiram ler e entender muitas das passagens misteriosas e incompreensíveis da Bíblia.

—

Houve uma depuração de seu pensar místico-filosófico-religioso com o passar dos anos? Sua poesia diz o novo, ou se aprofunda no que antes era intuição? Já no segundo ano da década de 1990, as minhas pesquisas chegaram a um nível satisfatório. Desde então, quanto mais leio e investigo, mais confirmo e amplio as minhas descobertas, parcialmente reveladas no livro *Bundo*. Esse livro é deliberadamente “inspirado” no “livro dos inspirados”. As referências ocorrem em vários poemas; como na Bíblia, há diversas alusões às mãos, cheias de dedos, que se dirigem a Deus, no mesmo lugar sagrado de tantos nomes: monte, rochedo, colina, outeiro etc. Citando os capítulos 11 e 54, de Isaías, mais referências astrológicas, eis, como exemplo, o que digo neste poema: “Entro no / antro do escorpião. / Sou o esposo da virgem / e o par da mãe estéril / – a mãe de sete filhos. / Brinco no fojo do dragão / e no forno serpentino / meto a mão. / Falanges, falanginhas, falangetas,



/aios do Senhor dos Exércitos”.
Noutro poema, citando os capítulos 2 e 11, de Isaías, assim descrevo o ritual da justiça divina: “Ó mãos abençoadas, que sondaís / os montes gêmeos; / falanges sagradas, que recreais / na toca da serpente” etc.

—

Podemos dizer que a Bíblia é a grande inspiração de sua escrita?

Mas nem só de inspiração bíblica se nutre a minha poética. Por exemplo, a expressão “montes gêmeos”, apesar de encontrável em Zacarias 6:1, foi inspirada no *Dicionário de símbolos*, de Juan-Eduardo Cirlot, verbete “Montanha”. Tempos depois, lendo *A epopéia de Gilgamesh*, vi que esse herói, em sua busca da imortalidade, deve transpor certa montanha de cumes gêmeos, a montanha Mashu, guardada pelo homem-escorpião. Em astrologia, associa-se o signo de Escorpião ao ânus. Outro exemplo da variedade de fontes inspiradoras de minha visão de mundo e de minha poética atual é o poema “Descobrimientos”, no qual, abusando das sinédoques, aproximo diferentes concepções do centro sagrado ou paradisíaco, nivelando assim as numerosas visões dessas plagas míticas, fabulosas, que remetem sempre ao mesmíssimo lugar: “Eldorados, thules, surgas, agarthas / cimérias, hespérias, pasárgadas, cólquidas / xangrilás, cocanhas, saléns, guananiras, / reinos miríficos, mundos arcanos, / céus interditos” etc.

Entretanto, é um equívoco pensar, como o fez Fábio de Souza Andrade, na crítica “Gozo místico”, publicada no caderno Mais!, da *Folha de São Paulo*, que a minha poesia seja igualmente atraída pelos pólos da religião e da sexualidade e que revele um embate de sublime com escracho, de paganismo e epicurismo com tradição judaico-cristã

etc. Nada mais falso: religião e sexualidade não polarizam meus temas; e nem se pode chamar de sexualidade a modalidade de prazer que os meus poemas celebram. Erotismo seria um termo mais adequado. E como religião e erotismo em minha poesia sejam a mesma coisa, resolvi chamá-lo de erotismo sagrado. Esse erotismo nada tem a ver com as relações sexuais ou com qualquer polarização esquizoide do sexo, pois a diferenciação sexual representa o início de todos as divisões, desigualdades e antagonismos, conforme esclareço em réplica inédita. Vagner Camilo, na revista *Imagens*, acertou ao dizer que a “aproximação entre gozo físico e êxtase místico não é, em absoluto, algo novo, mas em *Bundo*, mais do que aproximação, o que temos é a completa identificação entre um e outro.”

Alguns, como Jung, pensam que o impulso sexual tem implicações espirituais ou místicas. Sim, e daí? Tudo tem implicações espirituais. Assim na Terra como no Céu, cada um tem o Céu que imagina, porque o reino espiritual é o reino da imaginação poética e das abstrações estéticas, é o altiplano das recreações linguísticas, enfim o reino das projeções mentais pessoais e coletivas. É a logosfera, como diria Zeca Perim. Harold Bloom, em seu livro *Cabala e crítica*, afirma que a Cabala é uma espécie de teologia erótica ou misticismo sexual; estando intrinsecamente ligada à Bíblia, acredito que seja uma teologia homoe-rótica, conforme os poemas e as chaves de leitura bíblica contidos em *Bundo* o demonstram. Ora, nem sempre o espiritual ou místico é o mesmo que religioso e sagrado, na acepção radical destas palavras. Visto que o sexo implica em divisão, separação, diferenciação e desigualdade, penso que o impulso sexual jamais poderia ter um

sentido religioso, isto é, de comunhão e integração com o sagrado, pois o sagrado confina com o segregado, ou posto à parte, o especial, o anormal, o incomum, o extraordinário. Por outro lado, o contato e o trato religioso com o sagrado implica em erotismo: alegrar as entranhas com prazer.

—

Em algum momento, ao ler sua obra, percebi que caberia para sua filosofia, e mesmo para sua poética, um canal de escrita sobre o “agora”. A respeito do cotidiano, esse tipo de convite receberia um “sim” de sua parte?

Sim, necessito de um canal midiático para trocas, gosto de ser pedagógico com o que sei sobre minha criação poética, isso me faria parecer menos louco, porque estudo hebraico, estudo mitologia, na Alemanha em apenas dois meses fazendo um curso de alemão escrevi um poema no idioma germânico, e quanto mais me expor, mais aprenderei. O que acontece é que cadernos de cultura de jornais locais, aqui no Espírito Santo onde resido, me procuram pedindo colaboração, em troca eu digo que também preciso que colaborem comigo. Todos os profissionais na cadeia ligada ao livro recebem algum ganho monetário, e não apenas livreiros e editores... pesquisadores recebem bolsas, estudantes recebem bolsas, professores recebem salários, e porque nós, os escritores, que somos os construtores desses livros, somos quem menos recebe?

—
Na pele de Lucas Celebridade, professor piauiense alcança a fama com ensaios sensuais e muita autoconfiança na internet
—

Natacha Maranhão

“Sei que eu sou bonito e gostoso, sei que você me olha e me quer”

fotos: Monalisa Ribeiro



Lucas Brito tem 26 anos, é radialista, mestre de cerimônias e professor de crianças e adolescentes. Lucas Celebridade tem 26 anos e é um fenômeno de mídia.

Lucas Brito acaba de se formar em Letras/Português pela Universidade Estadual do Piauí, no município de Luzilândia, a 264 km de Teresina, onde mora. Lucas Celebridade foi eleito o “Musos da Internet”.

Lucas Brito vive em uma cidade pequena, com 24 mil habitantes. Lucas Celebridade tem mais de 46 mil seguidores no Twitter.

Lucas Brito é piauiense. Lucas Celebridade declarou no Twitter que não nasceu, foi baixado da internet.

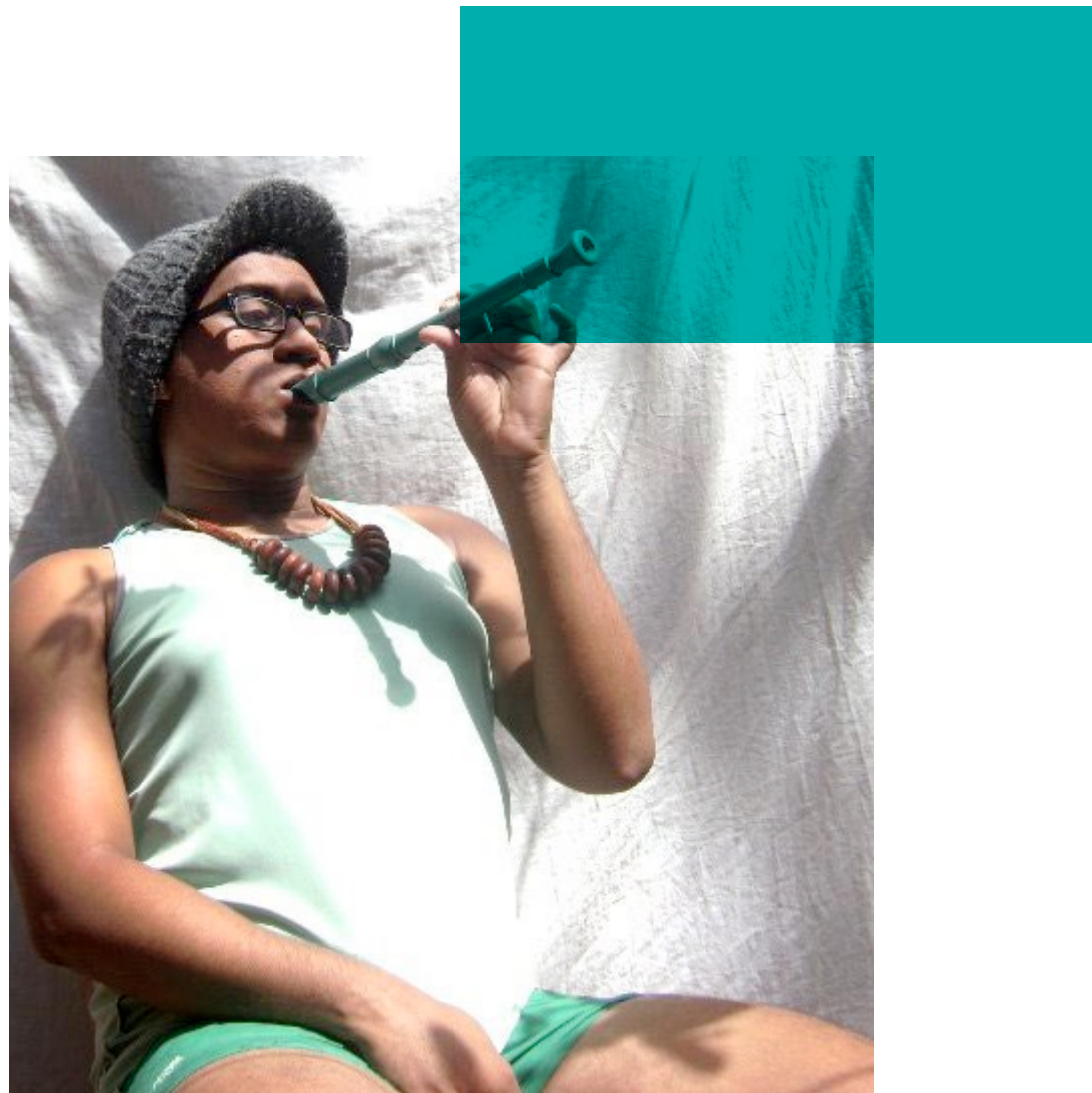
Eles dividem o mesmo corpo e o mesmo ardente desejo de fama, mas isso não impede que sejam independentes um do outro. Lucas Brito estuda, trabalha, sustenta sua família. Lucas Celebridade brilha e provoca arrepios nas pessoas.

Um belo dia, Lucas Celebridade decidiu “sensualizar” na web. Com a ajuda de amigos e uma câmera digital amadora, das mais simples, protagonizou ensaios em poses sexy no quintal de sua casa e outros locais de Luzilândia e postou na internet. Sucesso absoluto, para o bem e para o mal. Com milhares de acessos, suas

fotos fazendo caras e bocas, sentado em pedras cobertas de limo e troncos de árvores, e encostado em paredes sem reboco pipocaram em blogs por todo o Brasil, com os mais diversos comentários. “É louco, é sem noção, é viado, é gordo, é feio, é patético, é engraçado, é genial”, de tudo se lê nos *comments* dos ensaios sensuais de Lucas.

Dono de um humor ácido e escrachado, o auto-proclamado e depois eleito “musos” encara tudo com um sorriso no rosto e uma resposta afiada na ponta da língua. Lucas não é ingênuo como pode parecer. Ele sabe bem o que está fazendo e onde quer chegar: num reality show. Enquanto isso não acontece, continua ganhando os holofotes em blogs e sites.

“Comecei a traduzir a sensualidade para o mundo há quatro anos. Fiz isso com o intuito de chamar a atenção da mídia. A internet está cheia de páginas clichês e sem novidades, então eu inovei. Não tenho um padrão físico de modelo, não sou bonito e me mostro de forma sexy. Isso repercutiu e repercutiu como ridículo, mas trouxe a mídia para mim”, diz, com a certeza de quem conquistou um espaço.



O twitter [@lucasfamapop](#) é um fenômeno e é através dele que Lucas Celebridade divulga seus ensaios sensuais e mostra seu lado mais provocante com declarações como “Posso estar onde estiver, posso sumir onde sumir, posso aparecer ou surgir... Serei o eterno MUSO do Brasil” ou “Me sentindo sensual mais que a galáxia”.

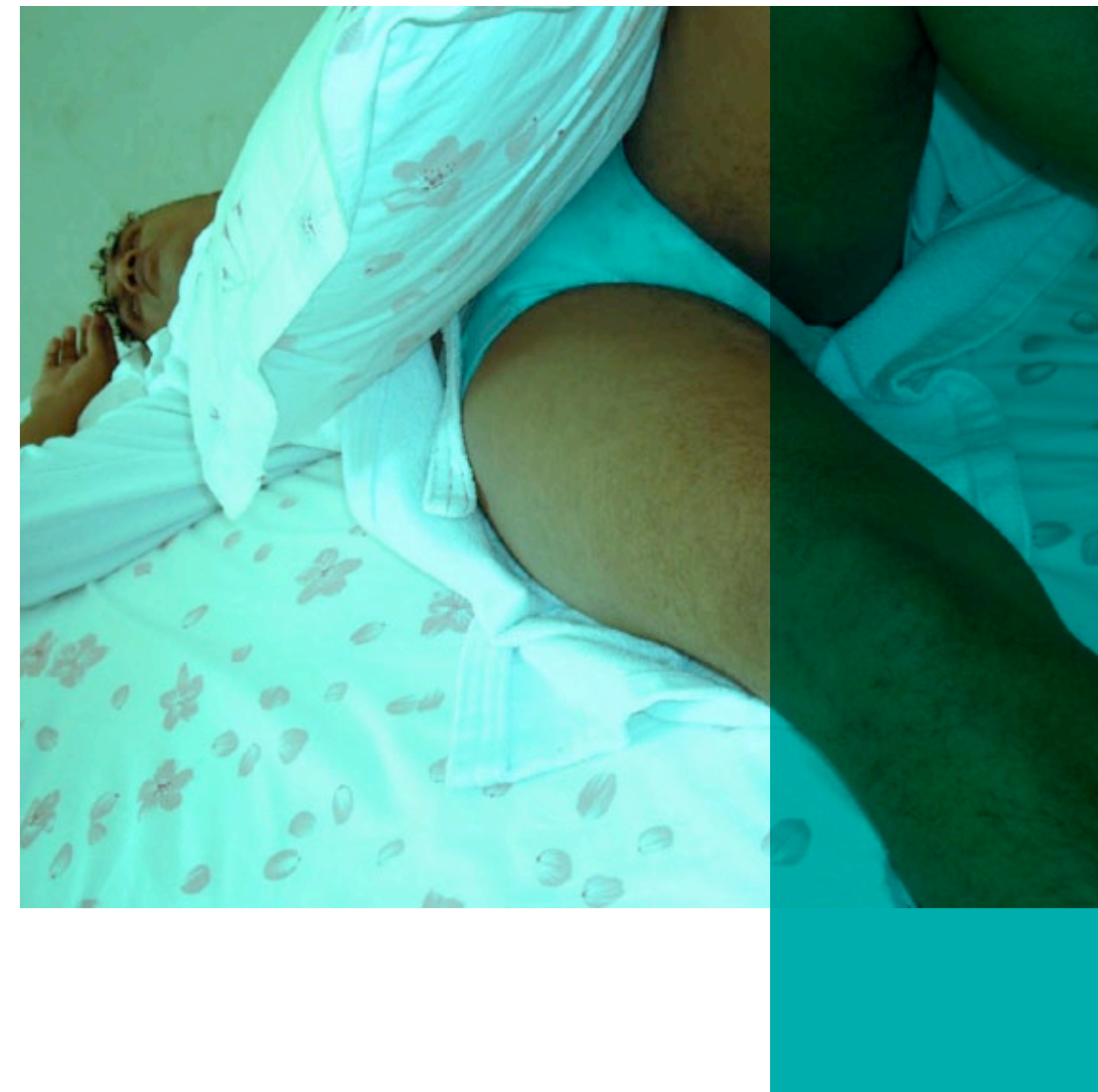
Corote, risadas, fotos

Antes de se deixar fotografar sensualizando, é comum Lucas precisar dar uma relaxada. Ele não toma *champagne* como as grandes estrelas que posam para a *Playboy* ou os sarados que estampam as páginas da *G Magazine*. Toma umas doses de Corote (cachaça barata e forte que só ela) ou 51 (quando quer beber algo mais leve) e começa a sentir a sensualidade exalando por todos os poros. Como que tomado pela Pomba Gira Cigana Sete Saias, Lucas faz biquinho, entreabre a boca, fecha os olhos, abre as pernas, desliza as mãos pelo corpo enquanto a amiga Monalisa Ribeiro (que é sua assessora

de imprensa e já protagonizou um ensaio ao seu lado) ou outro amigo que estiver por perto vai clicando.

Ele revela que não segue um roteiro, as fotos não são dirigidas. “Vou posando e fazendo o que me passa pela cabeça, nada é combinado. Decido fazer o ensaio, marcamos hora e local e vamos lá”, diz o muso, também chamado de “divo” por alguns. A maioria dos ensaios foi feita em Luzilândia mesmo, mas Lucas Celebridade já foi fotografado em Recife e São Paulo, por fotógrafos profissionais que entraram totalmente no clima e mostraram a vibe sexy que emana do rapaz.

Apesar do sucesso das fotos – os ensaios tem milhares e milhares de visitas – Lucas Celebridade não pensa em posar totalmente nu, em respeito ao trabalho de Lucas Brito, que é professor e trabalha com dezenas de crianças e adolescentes com idades entre 8 e 17 anos. “Luzilândia é uma cidade maravilhosa, nunca sofri preconceito aqui, as pessoas têm a mente muito aberta. Mas não posaria nu, porque sei que os pais não



gostariam de ver o professor dos seus filhos pelado numa revista”, argumenta.

E filme pornô? Faria? Lucas diz que não, apesar de já ter recebido uma proposta bem interessante. “Era uma grana boa, mas não faria. Não quero me arrepender depois, como já aconteceu com muitas pessoas”, comenta ele.

Personas diferentes

Lucas Celebridade revela-se em shortinhos, camisetas justas e cuecas. Em pijamas curtos de seda. Em sua cama, no quintal de casa, entre as plantas, na beira do rio Paranaíba, em hotéis de Recife e São Paulo, no Parque Nacional de Sete Cidades (PI), na casa de amigos.

Os temas dos ensaios são variados, há desde o *Punk Sensual*, em que aparece com um violão (!?), a *Lolito Luzilandense*, com direito a calça rasgada e foto chupando o dedo, ou ainda *Realização de Sonhos*, com cuequinha branca e mordendo a fronha.

Lucas também tem um canal de vídeos no YouTube, onde se é possível assistir às entrevistas que o clamor luzilandense já concedeu para programas como o Pânico e Scrap MTV. Mas também há registros sensuais, como o recente *Mamilos*, que pegou carona no hit *Vc vc vc vc vc quer*.

O muso tira de letra os comentários maldosos e ri quando percebe que a maioria das pessoas confunde Lucas Brito e Lucas Celebridade. Para ele, são duas personas completamente independentes. “Lucas Celebridade é o bizarro, o personagem que eu criei. Lucas Brito é um professor. Meus alunos e minha família separam bem isso. Eu também”, finaliza.



18

Sexo selvagem

Projeto ambiental instala tendas em festivais independentes e promove orgias em prol da preservação das florestas

Elis de Aquino

foto: kaibane87

foto: limbo
Ocupação 2009



“Por que não sentir tesão por uma boa causa?” Esta é a proposta do *“Fuck For Forest”*, ou simplesmente *FFF*, organização sem fins lucrativos, criada em 2004 por Leona Johansson e Tommy Hol Ellingsen, e que destina 80% do dinheiro arrecadado com o acesso ao material pornográfico em acervo para projetos ambientalistas. Por US\$ 20 mensais, o internauta pode acessar vídeos e fotos das “aventuras sexuais reais” do casal, material enviado voluntariamente para o site e orgias realizadas em várias partes do mundo com pessoas que estão dispostas a “gozar para salvar a natureza”.

“Ao mostrar a beleza do amor, a nudez real e aventuras sexuais, queremos chamar a atenção e arrecadar dinheiro para a natureza ameaçada. O sexo é sempre usado para nos fazer comprar todo o tipo de besteiras e ideias, então por que não usá-lo por uma boa causa?”, dizem os organizadores no site.

A ideia de transar em prol da natureza teria surgido quando um xamã da floresta contactou Tommy e Leona. O xamã teria tido um sonho no qual refletia de que forma poderia “chegar ao coração de jovens rebeldes, despertar

novas forças de poder, e trazer os seres humanos de volta para o espírito da natureza e do amor livre”, segundo o histórico do *FFF*. A partir daí o norueguês e a sueca criaram a ONG, e já começaram bem, conseguindo apoio financeiro do governo norueguês durante seis meses.

A fama mundial não demorou para chegar. Durante o show da banda de rock norueguesa *“The Cumshots”*, no Quart Festival em Kristiansand, em 2004, o mais importante festival de música da Noruega, Tommy e Leona subiram ao palco e transaram diante de milhares de pessoas, despertando a revolta da ala conservadora escandinava e conquistando as manchetes do mundo inteiro. O casal narra no site que essa seria uma “contribuição sexual ecológica”, mas a performance foi considerada uma afronta e desrespeito à população, já que o festival acontece numa região conhecida como “Cinturão da Bíblia”. Após essa exibição, os dois tiveram de pagar uma multa de US\$ 1,2 mil para escapar das grades. Tommy chegou a tirar a roupa na corte. Em seu relato no site, ele diz que queria demonstrar “a beleza da nudez” ao tirar as calças no dia do julgamento.

F*dendo pela mata atlântica

Com a repercussão do show e a cobertura da mídia, o website do *FFF* atraiu mais de mil novos membros, segundo entrevista dos dois à imprensa estrangeira. Tommy chegou a declarar que levantou aproximadamente US\$ 40 mil à época, que foram doados para projetos ambientais. Apesar disso, a dupla também ganhou problemas legais, e até hoje enfrenta dificuldades para doar o dinheiro que arrecada. Além de perder a ajuda do governo norueguês, algumas organizações mundialmente conhecidas, como a WWF da Holanda, se recusaram a aceitar o dinheiro do *FFF*. “Nós não queremos nos associar de forma alguma com esse tipo de indústria”, declarou Kees Verhagen em entrevista à revista eletrônica norte-americana Grist. “Nós somos a maior ONG na Holanda, e somos apoiados e sustentados por mais ou menos 1 milhão de habitantes. Nós poderíamos perder a credibilidade com nossos membros”, conclui o representante da WWF holandesa.

Com as portas fechadas no velho continente, a saída dos “ativistas sexuais”, como se autodenomina a dupla, foi investir em projetos na América Latina, e em especial no Brasil. Aqui o *FFF* ajudou dois projetos ambientalistas e participou de alguns eventos, como o Aldeia Rock Festival 2010, que acontece anualmente em Aldeia Velha, Silva Jardim, interior do Rio de Janeiro, e o Fórum Social Mundial, realizado em 2009 em Belém. No Brasil, o *FFF* dá destaque no seu site para dois projetos que ajudou financeiramente. A Escola da Mata Atlântica (EMA) é um projeto multicultural de educação ecológica, que posteriormente criou o Centro Holístico da Aldeia da Mata Atlântica (Chama), em Silva Jardim, no Rio de Janeiro. O *FFF* conta que doou € 13 mil em janeiro de 2009 para que a EMA comprasse o terreno de que

precisava para continuar o trabalho de reflorestamento, proteção e pesquisa ambiental na região.

De Roraima, extremo Norte do Brasil, o website traz o depoimento de uma antropóloga e moradora local identificada apenas como Valeska, que agradece o apoio do *FFF* na compra de um terreno para índios da região. Segundo o relato de Valeska, o governo brasileiro teria vendido para uma empresa que planta arroz uma parte de terra na qual vivia uma aldeia indígena, em Boa Vista. O *FFF* teria ajudado a comprar a terra para os índios, doando € 22 mil por uma área de aproximadamente 5,3 mil quilômetros. “Eu acho que esse foi um ótimo negócio, não importa como eles arrecadaram o dinheiro. O mais importante é que eles ganharam o dinheiro de forma honesta, não fizeram mal a ninguém e aplicam isso para tentar salvar nosso planeta. Isso faz a diferença.”, conta Valeska no site.

Apesar de já não ser mais novidade por aqui, o *FFF* ainda é restrito aos circuitos alternativos que compartilham de ideologias semelhantes às do projeto, como a liberdade sexual. “Achamos que é importante mostrar uma relação mais liberal com os nossos corpos, como um contraste ao mundo em que vivemos reprimidos.”, declaram os idealizadores.

Nas escadarias da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, N. Neto, 31 anos, vende as poesias que ele próprio escreve. Sentado na escada, sob a luz brilhante do sol numa tarde agradável, o poeta de rua comentou como foi sua experiência com o *FFF*. “Conheci o Fuck For Forest em 2008 através da Escola da Mata Atlântica. A EMA recebeu dinheiro do *FFF* para comprar seu terreno. Mas foi no início de 2010 que tive contato com o *FFF*, por intermédio de uns amigos que tinham participado de orgias com eles.”, disse Neto.

Woodstock, drogas e rock’n’roll

Durante o Festival de Rock em Aldeia Velha, que ano após ano atrai vários jovens para um fim de semana ao melhor estilo “Woodstock”, o *FFF* montou uma tenda para explicar o que era o projeto e atrair mais seguidores. “Eu participei espontaneamente do *FFF*. Estava

apenas com vontade de ficar nu no evento. Eles chegaram e pediram para tirar fotos minhas e eu deixei, mas não vi fazerem as fotos”, contou o poeta. Para participar das orgias do *FFF*, não há muitas regras. A principal é o uso da camisinha. “Geralmente as pessoas pedem para participar das orgias, e os caras do *FFF* veem se têm afinidade com essas pessoas, se rola um papo legal, atração física etc.”, esclarece Neto.

“Depois de participar das orgias, ou apenas fazer fotos, o *FFF* dá ao participante uma senha para ter acesso ao conteúdo do site gratuitamente. Mas essa senha tem um prazo para expirar”, explica o brasileiro, que disse não ter assinado nenhum documento liberando o uso de sua imagem. “Eles não me deram nenhum documento, também não assinei nada para ceder os direitos pelo uso da minha imagem, mas na época nem pensei nisso.. Na entrevista, Neto contou que se sentiu incomodado quando uma pessoa mostrou sua foto nu em um celular. “Eu estava andando na rua e encontrei uma conhecida. Após alguns minutos de conversa ela me mostrou uma das fotos em que eu estava nu, no site. Fiquei um pouco constrangido. Nunca imaginei que isso iria acontecer. Mas também não vou falar nada. Deixa para lá”, desconversa.



foto: Arno & Louise Wildlife



foto: Ben Fredericson (Shutterstock)



foto: charroness

O *FFF* não desperta suspeitas apenas no campo da moralidade. “Acho esse projeto muito controverso. O dinheiro deve ser para ajudar causas ambientais, mas eles viajam o mundo bancados pelo site. Eles têm vídeos gravados em várias partes do mundo. Não há prestação de contas”, desabafa Neto. Sobre o comportamento dos três (uma alemã apenas identificada como Natty esteve com eles no Brasil), N. Neto aponta alguns excessos no uso das drogas. “Eles são muito loucos, principalmente

as meninas, que sempre pareciam estar sob efeito de ‘doce’ [LSD]. Uma vez perguntei a Leona quantos anos ela tinha. Ela ficou pensativa durante um bom tempo, com o olhar perdido. Depois saiu, e voltou depois com um papel escrito ‘82’. Acho que ela nasceu em 1982. Deve ser isso que ela quis dizer, porque ela não tem 82 anos.”

Neto acredita que Tommy é o “cérebro” da organização e controla as duas jovens. “Para mim, rola uma manipulação do Tommy sobre as meninas com uso de ácido [LSD]. Em Aldeia Velha (RJ), os três estavam juntos o tempo todo. Ele nunca parecia estar chapado, ao contrário delas. Creio que essa é uma maneira de comprar a consciência limpa das pessoas. Eu pago alguém para plantar uma árvore por mim”, conclui Neto.

Maria, nome fictício de uma jovem que prefere não se identificar, também participou de orgias com o *FFF*. A aluna de Serviço Social de uma das mais respeitadas universidades públicas do Rio de Janeiro comentou sobre sua experiência com o *FFF*. “Ouvei falar do Fuck For Forest no [festival] Aldeia Cultural de 2009, com um amigo. Vi uma tenda do *FFF*, e eles diziam que promoviam orgias pelo mundo afora, revertendo o dinheiro para fins ecológicos”, relembra Maria.

Direitos de imagem

Ela conta também que o *FFF* promoveu uma festa no evento e convidou a todos para participarem. “Eu fui porque queria me divertir. Eles viraram a sensação do evento e todo mundo queria fazer orgia com o *FFF*. No meio da festa, Maria percebeu que o *FFF* tirava fotos e fazia vídeos. “Eu reparei que eles estavam tirando fotos na hora, mas eu estava muito doida e não prestei muita atenção naquilo. Mas depois entrei no site e vi minha foto lá, sem minha autorização. Falei com eles, e depois a foto saiu do ar”, conta.

A estudante de 25 anos condena o que ela chama de “método genial de ser hedonista sem gastar do próprio bolso”: “Eles viajam o mundo inteiro com o dinheiro do site. Nunca vi eles plantarem um pé de alface. O *FFF* é um movimento que diz querer salvar o mundo, mas os organizadores ficam curtindo a vida”, acusa Maria.

Militante política e muito envolvida em causas sociais, a estudante afirma que o *FFF* não marca presença no debate sobre ambientalismo. “Tentei conversar com eles sobre vários assuntos, mas Leona e Natty sempre ficavam com o olhar perdido, com cara de chapadas. Não parece que haja discussões entre eles sobre as causas ambientais ou análises políticas e econômicas.” Maria deixa clara sua opinião ao dizer que “fazer

discussões sobre o ecossistema, mobilizar as pessoas para trabalhar em prol disso é uma militância muito maior do que viajar fazendo sexo com o mundo inteiro pelo *FFF*”.

Maria também reflete sobre as ideologias do projeto e dá sua opinião final após a experiência que teve com o *FFF*. “Essa é uma forma de viver facilmente os prazeres da terra. Para mim, isso é “fuck the forest”. Eles não deveriam brincar com a vontade das pessoas de ajudar uma boa causa, libertar o corpo e ao mesmo tempo salvar o planeta. Isso tudo é muito sedutor.”

Uma câmera na mão e uma ideia

Mesmo sem ser consenso, o *FFF* fez sucesso no Brasil e atraiu muitos adeptos e admiradores. Apesar de não ter participado de orgias com o *FFF*, D. Heringer, como prefere ser identificada, conta que também conheceu o projeto no Festival de Rock em Aldeia Velha. “Conheci o *FFF* em abril de 2010. Eles estavam fazendo uma prévia do trabalho deles no festival”, diz. A jovem de 20 anos lembra como o *FFF* se apresentou para o público que estava no evento: “Eles fizeram sexo explícito, mas eu não me senti constrangida, era apenas sexo, não vejo nada de errado”.

Na opinião da jovem, não há lado negativo ou positivo em fazer orgias para “salvar a natureza”. “Os caras não são daqui do Brasil, então, acredito que de onde eles vieram isso seja comum as pessoas fazerem manifestos para algum tipo de salvamento”, comenta a produtora musical. Para Heringer, existem outras formas de ser ativista, mas a moça elogia a ideia da dupla: “Acredito que há outros meios para salvar a floresta, mas sexo é algo que todo mundo gosta. Acho que eles usam isso para lucrar, ainda mais orgia com duas meninas lindas e caras bonitos. Acho genial a ideia de usar o sexo para isso. Eu não participaria, mas convidaria amigos para conhecer o que os caras fazem.”

O *Fuck For Forest* não é a única organização que vende pornografia para “boas causas”. O site ALSS.com (em inglês, “all ladies shaved” – algo como “todas as damas depiladas”) diz que doou US\$ 436.589, o equivalente a 10% de seu lucro, para ajudar crianças com distrofia muscular. Além do “ALLALS”, há o Vegporn.com, com pornografia exclusiva para vegetarianos, que doa 5% de sua arrecadação para grupos vegetarianos. Em 2005, um ano após a criação do *Fuck For Forest*, o Conselho Nacional de Pesquisa dos Estados Unidos, segundo artigo do site Grist, revelou que a indústria pornográfica online faturou entre US\$ 5 e US\$ 7 bi. No primeiro ano de *FFF*, o grupo arrecadou US\$ 326.353.

Antônio Snake: o *Buttman* da Amazônia

—
Produtor de filmes pornográficos paraense
é celebrado como realizador independente
—

Vladimir Cunha

16

Baía do Marajó

Ilha de
Cotijuba

Fã de heavy metal e devoto de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Antônio Snake é só sucesso! Com receita infalível que consiste em sexo explícito (praticado só por paraenses) em belas paisagens da floresta, seus filmes começam a ganhar o mercado internacional.

Antônio Snake é gente que faz. Ator, produtor, diretor, editor e distribuidor, ele é a peça central – na verdade, a única – da nascente indústria do filme pornô amazônico. Seus filmes vendem bem (só a série *Cotijuba extremamente anal* já está no volume 6), ele é reconhecido nas ruas, dá autógrafos e já não precisa mais implorar para que as mulheres participem de seus filmes. Além disso, Snake começa a experimentar um certo reconhecimento internacional, com filmes distribuídos na Holanda, Dinamarca e em outros países europeus.

Nada mal para quem começou a carreira trabalhando como entregador em uma empresa de distribuição de gás de cozinha. Entre uma entrega e outra, Snake aproveitava para fazer fotos amadoras de sua namorada e de outras meninas com quem saía. Nessa época, o público das suas, digamos, produções se limitava a ele mesmo e ao segurança da empresa em que trabalhava, o maior incentivador para que ele largasse os botijões de gás e se lançasse na carreira de produtor pornô, segundo o cineasta. “O cara pirava nas minhas fotos e dizia que eu levava jeito para a coisa. Vivia *metendo corda* para eu comprar uma câmera de vídeo e fazer filmes. Até que recebi uma grana de férias e comprei uma. No início filmava e não mostrava para ninguém. Ficava vendo sozinho e pensava ‘égua, bacana isso’”, conta ele.

O salto dos vídeos caseiros para a indústria do pornô só aconteceria em 1997, quando Snake tomou coragem e lançou *Cotijuba – Ilha do Prazer devastação anal*, vol. 1, que, apesar de ter dado bastante dinheiro, rendeu 15 dias de prisão para o cineasta após ele ser acusado de usar menores de idade nas gravações. Mas Snake foi inocentado, pois ficou provado que uma menina falsificou a idade para participar das filmagens.

Como já dizia Malcolm MacLaren, empresário dos Sex Pistols: “Não existe publicidade ruim, só publicidade”. Após sua prisão, o escândalo acabou atraindo o interesse local pelas obras de Snake, o que o levou a investir R\$ 7 mil reais em uma sequência para *Cotijuba – Ilha do Prazer*. Dessa vez foi tudo nos conformes e o filme vendeu bem, tanto para as locadoras quanto para o mercado de vídeo doméstico.

Atualmente, Snake comanda a Amazônia Sex, uma pequena produtora de vídeo encarregada de produzir e distribuir os seus filmes. A temática continua a mesma dos tempos de *Ilha do Prazer*: o sexo explícito protagonizado por paraenses aliado às belas paisagens da região amazônica e aos pontos turísticos de Belém do Pará. Para o cineasta, além de ser um diferencial dentro das produções brasileiras, essa postura é também uma jogada de marketing. “Tudo meu é regional e eu faço questão disso. Tu nunca vai comer aquelas loiras dos filmes da Private, rapaz. Mas as meninas que eu uso nos meus filmes são meninas comuns, daqui de Belém. Podia ser a menina da tua escola, do teu prédio... É por isso que o meu slogan é: ‘Uma delas pode ser a sua vizinha’. Isso dá certo porque o cara se identifica e fica naquela expectativa de ver transando uma menina que um dia pode ser acessível a ele. Tanto que o que tem de gente que liga aqui querendo saber delas não é brincadeira”, explica.

Apesar do regionalismo de seus filmes, só não vá falar para ele de carimbó, tecnobrega e outros ritmos paraenses, pois o negócio de Snake é mesmo o rock, especialmente o heavy metal. “As trilhas dos meus filmes sempre trazem grupos de rock. Odeio brega. Dia desses até briguei com a vendedora de uma loja de surf daqui. Cheguei lá e estava tocando Banda Calypso. Brother, Calypso em loja de surf? É um desrespeito. Eu gosto de rock. E só atuo usando camisas do Iron Maiden, dos Misfits e do Whitesnake, os meus grupos preferidos. Aliás, ‘Antônio Snake’ é uma homenagem ao Whitesnake, a banda de rock que mais curto”, reverencia.

Mas e a opção pelos monumentos e prédios históricos de Belém? Seria a produtora de Snake uma espécie de Paratur pornô? É possível que sim, já que virou mania mostrar os pontos turísticos da cidade em seus filmes. Até mesmo como forma de acabar com certos preconceitos com relação ao Norte do Brasil. “O Buttman faz os filmes dele em Los Angeles, mostrando para o mundo a cidade em que ele mora. Eu, como não posso ir para lá, faço os meus no Ver-O-Peso. Assim eu mostro que aqui em Belém a gente não vive no meio do mato, que não somos um bando de gente atrasada. Outro dia

eu estava em João Pessoa filmando e um cara veio perguntar se aqui em Belém a gente morava em oca. Oca eu só vi uma vez e foi pela televisão. Fico danado com isso.”

Tudo bem. Mas é o próprio Snake o primeiro a admitir que foi a novidade de ver um filme pornô feito na Amazônia – no imaginário mundial uma região exótica, repleta de índios, animais selvagens e florestas exuberantes – que lhe abriu as portas do mercado internacional. Especialmente para a Europa, onde os filmes da Amazônia Sex começam a chegar nas lojas e locadoras especializadas. Cidade portuária e porta de entrada para a região amazônica, Belém tem uma longa tradição de zonas de prostituição. E foi observando o movimento dos lupanares da cidade que Snake sacou do que os gringos gostavam. Pensando nisso, começou a perceber que existia um mercado fora do Brasil que poderia ser explorado pela sua produtora. “Gringo não tem muito luxo com mulher, basta ser brasileira. Se for da Amazônia, melhor ainda, porque os caras lá fora piram nesse lance. É sucesso na hora. O nome Amazônia é muito vendável. Basta ter Amazônia no meio pra vender. É nisso que estou investindo. Já vendi filmes para a Dinamarca, Holanda e agora recebi uma proposta do Japão, de distribuidoras de lá querendo comprar os meus filmes”, revela Snake.

De fato, parece que os negócios do cineasta têm progredido. Um filão explorado por ele de uns tempos para cá é a produção de filmes para consumo privado. Casais que têm fantasias de fazer um filme pornô, mas não têm coragem de se expor, contratam Snake para que ele dirija produções caseiras que nunca vão chegar às locadoras. Algumas, dependendo da animação do casal, trazem até o cineasta como um dos protagonistas. Segundo ele é um mercado em crescente expansão, que lhe rende viagens constantes para o interior do Pará e outros estados da região Norte.

Talvez seja essa aceitação do seu trabalho por parte do público local que tenha contribuído para que ele comece a sair da marginalidade. Volta e meia Snake é reconhecido na rua e encontrar mulheres para estrelar as suas produções já não é mais uma missão impossível. “Hoje em dia as meninas me ligam, vêm aqui na produtora, me abordam na rua... Acho que além da grana as pessoas têm uma fantasia de querer fazer filme pornô. Só pode ser. Aliás, outro dia aconteceu um negócio engraçado. Pode não parecer, mas eu sou um cara bastante religioso. Não perco uma novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Pois então, eu estava na missa e um casal me abordou perguntando se eu não era o Snake.

Disse que sim e começamos a conversar. Eles eram meus fãs. Volta e meia estou na reza e alguém me reconhece”.

Mas não seria o catolicismo uma atividade incompatível com a profissão de ator e diretor de filmes pornô? “Não para mim, cara. É só um emprego como outro qualquer. Além do mais quem paga as minhas contas sou eu e não o padre. Eu sei o que faço da minha vida.

É então que Snake aproveita para falar que a carreira de produtor pornô em Belém do Pará não é tão tranquila quanto se pode imaginar. Uma de suas principais reclamações ainda é o preconceito contra a profissão, segundo ele um dos principais empecilhos para que ele rode o seu primeiro filme gay, uma exigência antiga dos fãs. “Os gays dão muito em cima de mim. Onde me vêem eles me abordam, dão cantada, querem conversar. Mas até agora não consegui que eles topassem participar de um filme meu. Ainda tem muito preconceito contra a profissão aqui em Belém e eu acho que eles não topam trabalhar comigo com medo de ficarem estigmatizados. Só que isso está mudando aos poucos, tanto que com a maioria das mulheres eu já não tenho problema nenhum”, comemora.

Ainda que modesto, o negócio de Snake vai bem, o que lhe permite, inclusive, produzir sem precisar entrar no mundo das verbas públicas e da captação de recursos. Os R\$ 7 mil que, em média, ele precisa para rodar um filme saem do lucro obtido com produções anteriores. Não que o cineasta não tenha tentado se aproximar de outros produtores locais, mas a dificuldade e a burocracia em criar projetos e captar recursos fez com que ele optasse por fazer seus filmes de maneira independente. “Fui lá no Palacete Bolonha participar de uma reunião de cineastas paraenses”, conta Snake, “Chegou uma hora em que tínhamos que levantar e dizer o nosso nome e o que a gente fazia. Levantei e disse que era o Antônio Snake, produtor, diretor, ator, e editor de filme pornô. Rapaz, ficou todo me olhando... meio espantado. De repente uns e outros começaram a dizer ‘ê, rapaz, eu já vi o teu filme, eu sou teu fã’. Ficou nessa história até que eu disse: ‘Tá vendo? O meu filme vocês já viram, agora o de vocês eu nunca vi. Enquanto vocês pedem uma fortuna pra fazer esses curtas que ninguém vê, eu meto a cara e faço os meus e todo mundo me conhece’. Pedem R\$ 70 mil pra fazer um curta de 15 minutos? Com R\$ 70 mil eu faço logo é dez filmes. É filme que nem presta. Faço dez filmes, tiro mil cópias de cada um e vendo o DVD a R\$ 40. Calcula quanto eu ia ganhar. Além do mais, para que vou me meter em lei de incentivo? Ninguém nunca ia patrocinar um filme meu mesmo. Prefiro continuar independente e fazer tudo do meu jeito.”

Sábias palavras, caro colega, sábias palavras.

Ilustração: Benimindo Estúdio, imagens do Flickr: catuza, Filipe Dilly, Nuanin



Zé Duda da Paraíba, o “Rei da Sacanagem”

Repentista mais antigo da Feira de São Cristóvão, o reduto de migrantes nordestinos no Rio de Janeiro, é último defensor dos versos pornográficos

Mariana Filgueiras

José Herculano dos Santos, o “Zé Duda da Paraíba”, é um sujeito “opinião”, como gosta de dizer. Desde que o pai foi buscar a família em Campina Grande, na Paraíba, em 1959, para morar no Rio de Janeiro. O jovem, então aos 26 anos, não quis vir de jeito nenhum. Bateu o pé, segurou a viola e disse: “Vô não”. Já era repentista havia cinco anos nas feiras e praças da cidade, a vida estava boa, para que o Sul-Maravilha? Mas o pai engrossou e o rapaz veio contrariado. De lá, trouxe a viola, duas mudas de roupa, o apelido, “Zé Duda” (que ganhou de uma namorada, que sabe-se lá por que só o chamava de “Dudinha”), a paixão pela música e um diferencial: o talento para as rimas de sacanagem. Hoje, aos 78 anos, o cantor mais antigo da

Feira de São Cristóvão, o reduto de migrantes nordestinos na Zona Norte do Rio, é o último bastião desta vertente quase extinta na arte do repente.

Em Pernambuco, contam os repentistas da feira, ainda tem o Manoel Serrador, mas no Rio de Janeiro, só tem ele. Ninguém mais tem a habilidade de Zé Duda: ele empunha a viola, encaixa a bituca do cigarro entre as cordas no braço do instrumento e, se pedirem (e sempre pedem) solta versos que fariam corar Maria Bonita. Usa à exaustão palavras como “pirueta”, “canção” e “baiacu”, rimas fáceis. É preciso prestar atenção para não se perder nas histórias cantadas, pois os versos sugerem situações tão, digamos, inesperadas, que não é raro Zé Duda colocar o próprio ouvinte

12

fotos Mariana Filgueiras



A Feira de São Cristóvão

Logo na entrada, uma placa enorme pede educadamente que os visitantes não entrem portando armas. Antes que o turista de assuste, no entanto, uma estátua de “São” Luiz Gonzaga recebe os visitantes de braços abertos: ali é o ponto de encontro da cultura nordestina no Rio de Janeiro. Popularmente chamado de “Feira de São Cristóvão”, ou “Feira dos Paraibas”, o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas é um pavilhão de 34 mil metros quadrados com mais de 700 barracas que oferecem um pouco da cultura nordestina: comidas típicas, artesanato, literatura de cordel, mobiliário etc. Em cada lado do pavilhão, que foi totalmente reformado pela Prefeitura do Rio em 2003, dois palcos recebem atrações de forró, coco, embolada, toda música tradicional do Norte e Nordeste. No meio do pavilhão, a Praça Catolé do Rocha reúne cordelistas e repentistas que se apresentam em esquema de revezamento durante os fins de semana. A entrada custa hoje em dia R\$ 3, e dá direito a todas as atrações. A infraestrutura é boa: há seguranças por toda parte, banheiros, pistas de dança, estacionamento. É programa obrigatório na cidade do samba e da bossa nova.

na patuscada. Mas, antes que alguém se aperreie com a brincadeira, ele rima “esmaecida” com “feliz da vida” e todos aplaudem, deixando alguns trocados no seu chapéu.

“Eu tenho um bocado de verso imoral, mas só canto quando pedem. E são as mulheres que pedem mais...”, comenta Zé Duda, sentado num bar, num dos intervalos da apresentação que faz todos os domingos, na Feira de São Cristóvão, das 10h às 17h.

O repentista tem três shows que faz sob encomenda, ao custo de R\$ 1 mil a noite (negociável, dependendo do local do evento): um de repentistas “normais”, aquele com temas de desafio ao segundo violino (ver box); um de repentistas “de sacanagem”, com



História e características “de repente”

—
O repente, no Brasil, está inserido na tradição literária nordestina do cordel, as narrativas contadas em versos e impressas em folhetos, normalmente ilustrados por xilogravuras e vendidos em feiras pelos próprios autores.

Cantados pelos violeiros e poetas populares, filhos da tradição ibérica medieval dos trovadores, os versos nordestinos têm a característica única do improviso — ao contrário de outras formas de cantoria que surgiram no Brasil, como o calango, em Minas Gerais, ou a trova gaúcha. Os repentistas fazem versos “de repente”, em agilidade determinada pelo estilo de cada um. Há os “desafios”, quando um cantador provoca o outro, forma comum, cantada em duplas sob motes sugeridos ou livres.

A métrica varia entre a quadra, de quatro versos; sextilha, a mais usada, com seis versos rimados, a septilha, décima, e variações mais complexas, como o martelo, o galope, o galope à beira-mar, entre outros. Se usa apenas a voz, é aboio, se usa pandeiro, é embolada, se usa viola, é cantoria de viola, como faz seu Zé Duda. Foi com ele que o repente desceu para o Sudeste: nos primeiros movimentos migratórios da década de 50, surgiram os primeiros repentistas entre Rio e São Paulo.

Os temas são infinitos. Assim como a literatura de cordel, versam principalmente sobre pelegas, religiosidade (leia-se Padre Cícero), costumes, romances, bastidores da História (Getúlio Vargas sempre aparece, e Lula vai pelo mesmo caminho), heroísmos, cavalaria, notícias, fantasias, profecias, biografias, política, tragédias, fenômenos da natureza, cangaço, jagunçagem (Lampião, Maria Bonita, Antonio Silvino, Corisco e Dada, Jesuíno Brilhante, Quelé do Pajeú etc), cinema, artistas, humor, modernidades e, as pornografias, salvas, pelo menos no Rio de Janeiro, graças a seu Zé Duda.

—

rimas e versos pornográficos, e um show que ele chama de “segundas intenções”, com trocadilhos e maledicências mais suaves.

“Para fazer o “segundas intenções” até hoje não apareceu ninguém melhor do que eu [Canta um trecho: “Mulher, baixa essa perna, senão eu fico tarado. Você mostrando o que é bom, eu fico quase vexado...”]. Mas o povo gosta é da sacanagem braba, mesmo! É o que faz mais sucesso. Sou chamado para cantar em despedida de solteiro, evento particular, casa de família. Eu só peço para tirar as crianças de perto”, pondera Zé, que nunca gravou um disco sequer.

Zé é adepto das sextilhas, a poética mais usada pelos cantadores, com estrofes de seis versos de sete sílabas em ritmo do baião. Ele faz questão de explicar que em seus motes não despreza a mulher nem a trata com desrespeito. Gosta mesmo é de estimular a imaginação das pessoas. Se já usou os versos para descrever relações homossexuais?

“Claro. Eu faço de homem com homem porque... porque o povo gosta, oras, e eu faço mesmo!”, anima-se, batendo o punho fechado na mesa de lata.

A inspiração para tanta sacanagem vem, é claro, da sacanagem.

“Meu combustível é mulher. Hoje mesmo vai uma lá em casa, às 18h30, quando eu sair daqui”, revela Zé Duda, olhando no relógio.

É um dos seus “xodós”, como prefere dizer, deixando escapar que não tem cabresto. Fumante inveterado, garante ter mais disposição do que muito jovem por aí.

“Deus me deu três coisas boas: a paciência, a minha voz (eu cheguei a cantar dois dias e uma noite no Canindé e não me deixaram dormir) e a minha disposição. Se a pessoa disser que não gosta de sexo, não vive”, intriga-se.

José Herculano vive sozinho numa casa em Nova Holanda, uma das 16 favelas do Complexo da Maré, localizado à margem da Baía de Guanabara, próxima ao campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lá, recebe visitas alternadas das duas namoradas, seus “xodós”. Não tem esposa, mas tem vários filhos, de muitos “xodós” diferentes. São 28 no total: 18 mulheres, dez homens (a mais velha tem 62 anos, o mais novo tem apenas dez), alguns já falecidos. Ao falar dos filhos, deixa a marra de conquistador de lado, tira o chapéu, coça a cabeça ainda cheia de cabelo e os olhos enchem d’água.

“Meus filhos são muito bons para mim, graças a Deus. Só moro aqui (no Rio) por causa dos meus filhos. Senão eu tava lá no Norte. Domingo *atrasado* vieram

13 me ver. Foi bom *pra danado*”, diz Zé, limpando os olhos (agora, o esmaecido é ele).

Zé casou algumas vezes, mas não deu certo. A última mulher que teve botou-lhe um chifre: “O único da minha vida”, ressalta. Nunca mais quis saber de casamento. Afinal, é um sujeito opinioso, e quando bota uma coisa na cabeça, seja uma ideia ou um chifre...

É de pequeno que se torce o pepino

Nascido em Campina Grande em 1933, José Herculano tinha outros sete irmãos. A mãe vinha de uma família braba do sertão. Gente perigosa, conta Zé Duda. Já a família do pai era tihosa. Zé faz muita diferença, marcada pela entonação das palavras, entre ser “brabo” e ser “tihoso”. A cruz, no entanto, deu boa gente, taí o artista que não deixa mentir. Foi o único da família “dos Santos” que nasceu com o dote de cantar. A tocar, aprendeu sozinho. Tocar... Zé Duda emenda logo uma piada irresistível para quem é o rei do duplo sentido.

Logo começou a cantar numa rádio de Campina Grande. Mas “Zé Duda” já era o nome de um cantador. Foi quando o amigo Cícero Cordeiro, o “Mocó do Cordel” sugeriu um “da Paraíba” para marcar a diferença. E assim nasceu o “Zé Duda da Paraíba”. Começava a fazer algum sucesso quando o pai apareceu de volta, querendo arrastar a família toda para o Rio de Janeiro. Era a virada da década de 1960, o primeiro grande êxodo de nordestinos em direção ao Sudeste. Chegando lá, foram morar



ainda não enrouqueci. Mas se o cigarro me ofender como a bebida me ofendeu, eu paro também.

E pelo visto, só a bebida o ofendeu até hoje. Duas semanas antes da conversa, Zé Duda foi com uma das filhas “bater um check-up” para ver se estava tudo em ordem com a saúde. Estava tudo impecável.

“Sou forte, não tô dizendo? A *dotora* ficou impressionada. Nunca tive *fastio*.”

Nem inimizado. Zé Duda é querido por todos na feira. O carinho é demonstrado com zombaria entre os colegas, seja o dono do bar (“Esse é mais feio que surra!”, diz Duda) ou do parceiro de repente, Severino Felipe Gomes, o “Zé Sinval”, 65 anos, que divide com ele a Praça Catolé do Rocha, onde se reúnem os repentistas e violeiros na Feira. Por Zé Sinval descobre-se que ele tem outro apelido: “Zé do Cabelo Ruim”, implicância com seu cabelinho crespo e cheio, branco como algodão.

“Esse paraíba é um cabra safado, escreve aí”, sugere Zé Sinval, também paraibano, mas de Araruna, parceiro e amigo de Zé Duda há mais de 20 anos.

“Cabra safado é sua mãe, seu peste”, devolve Zé Duda, logo engatando um abraço no amigo.

É uma das características do cangaceiro, explica Duda: “Ao mesmo tempo que dá um beijo, dá um coice.”

Outra é o talento para atividades inusitadas: se Lampião sabia costurar e bordar, Zé Duda lê mãos e põe cartas de Tarô. Tão logo se apresenta a alguém, lhe pergunta o signo. Ele é libra. Zé Duda diz ter completado os estudos, mas não se lembra até qual série cursou enquanto viveu em Campina Grande. E além de estudar misticismos, Zé Duda lê tudo sobre a vida do cangaceiro Antonio Silvino, o mais importante chefe do cangaço antes de Lampião. E é chamado com frequência para dar palestras (cantadas ou não) sobre a vida do herói pernambucano.

“Antonio Silvino era cangaceiro mas não era bandido. O povo só fala de Lampião. Só fala de quem não presta. Enquanto isso, nunca foi registrada nenhuma morte em nome de Antonio Silvino. Valentia é uma coisa, assassinato e covardia outra”, defende Duda, que pede licença para interromper o que seria um início de palestra para despedir-se.

Afinal, são quase 18h, hora marcada do encontro com seu “xodó”. E seja por valentia ou repertório, é preciso manter a “disposição”...

na Rocinha, hoje uma das maiores favelas da América latina, que na época ainda era um vilarejo de barracos frágeis e sem qualquer infraestrutura. Ficaram apenas cinco dias: uma chuva fez desabar uma pedreira em cima do barraco que a família acabara de ocupar. De lá foram todos para um casebre em Vila Isabel, provisoriamente. Depois, se instalaram na favela da Praia de Ramos, próximo ao local onde vive ainda hoje.

No Rio, o rapaz franzino de nariz adunco teve de aparar as unhas enormes que deixava crescer por conta do violão para trabalhar em toda sorte de emprego que aparecia: foi pedreiro, pescador, vendedor. Logo foi se enturmando na Feira de São Cristóvão e a cantoria lhe salvou de levar uma vida comezinha. O sucesso deu meia volta em seu caminho: em 1984, participou do filme “Os Trapalhões e o Mágico de Oroz” e da novela “Rabo de Saia”, interpretando ele mesmo, um violeiro repentista. Anos mais tarde, conseguiu juntar dinheiro para voltar à terra natal e ficou lá por dois meses. Juntou mais um pouco para voltar ao Rio, sempre com seus três tipos de repente. Percebeu que dava para manter o esquema: passava o verão no Nordeste e o resto do ano no Rio de Janeiro. Juntava de lá e de cá, fazia um filho aqui e outro acolá e *vamo simhora*.

Nessa vida de repente, xodó... e filho, a cachaça quase o derrubou. Quase, não, chegou mesmo a derrubá-lo, literalmente, duas vezes. As duas na feira. Na última vez, decidiu parar de beber. Zé Duda talvez tenha sido o único bebum na história a cumprir a promessa da resaca: há um ano e sete meses não põe na boca uma gota de álcool. Agora é só refrigerante. O dono do bar que Zé escolheu para dar a entrevista chegou a se admirar na hora desta revelação, arregalando os olhos atrás do balcão: “Zé Duda, parou de beber?”, perguntou, em tom alto.

“No começo eu achei ruim, agora já acostumei”, responde Duda, tomando uma Coca-Cola e juntando o dono do bar na conversa. “Eu sou forte, só não parei de fumar. Eu sou o mais velho daqui, todos eles enrouqueceram (os outros oito repentistas da Feira), e eu



Repentista, uma profissão regulamentada?

Em 14 de janeiro de 2010, os repentistas comemoraram uma batalha histórica: tiveram a profissão regulamentada. A norma já tinha sido aprovada pelo Congresso Nacional em novembro do ano anterior, e dezenas de cantadores celebraram o feito nas galerias do Senado. O ex-presidente Lula sancionou a lei que regula o ofício de repentista em seguida e, com a publicação no Diário Oficial da União, já vale na prática: o repente foi incluído na lista de profissões da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), a jornada de trabalho foi pré-determinada, e garantem assim o direito à aposentadoria e aos mesmos benefícios de outros trabalhadores brasileiros. Não há um número certo de quantos repentistas existem no Brasil, mas as 28 associações que reúnem os artistas em todo país estimam que seja por volta de 5 a 8 mil repentistas em atividade, mas só uma minoria consegue sobreviver do ofício.

Repentista, pesquisador e professor da arte do repente na Universidade Federal de Pernambuco, o piauiense de Várzea Grande Edmilson Ferreira lembra que é a lei é resultado do reconhecimento de mais de 200 anos de atividade informal, o que por si só deva ser festejado. Mas observa que, na prática, pouquíssimos repentistas mudaram o esquema de trabalho desde a sanção da lei.

“Muita coisa ainda não ficou clara, como piso salarial, previdência... E os que já têm anos de serviço prestado, como vão provar? A lei só vale para as novas gerações? Com a visibilidade da regulamentação, é a hora das associações se integrarem, formarem sindicatos, criarem cooperativas, que juridicamente têm mais valor. Mas as mudanças são lentas”, observa o repentista de 38 anos de idade e mais de 200 prêmios em festivais conquistados com seu parceiro, Antonio Lisboa (importante notar: a única dupla de repentistas canhota do Brasil).

Tá doendo?

Nos bastidores da festa fetichista Profania, histórias de amor contadas diretamente das profundezas do desejo humano

Pedro Rocha



foto: carlinaz



foto: masterskathcraft

18

I
Sexta à noite, boate Kubalada, Centro de Fortaleza. Ela senta de pernas cruzadas, impecável. Sorve Coca-Cola por um canudo. À sua direita, Tiago ajoelha aos seus pés, lambe sua bota preta. Pende uma barriga branca, sobrado cós da saia, 10cm, no máximo. Látex preto sobre a face, qual carrasco. Levanta-se. Baba do calor, tem olhar calmo. Passa a mão em seu joelho. “Tá doendo?”, ela pergunta. “Não, minha dona”, e se alinha, em pé, ao lado. Um rastro arrastado de corrente tilintando. Carlos Henrique vem, passos curtos. Veste uma empregada doméstica alta, esguia e sensual. Máscara branca, lembra teatro nô. Ela mesma desenhou o figurino. Cotovelos e tornozelos algemados. Uma coleira no pescoço.

Tiago, em pé, abre as pernas e segura com as duas mãos a teia de correntes pendurada em uma das paredes da boate. É uma das primeiras cenas da noite. Ele, sub-tiago {RF}, é escravo de Amanda, a Rainha Frágil. Prepara-se para uma cena de *spanking*. Ela bate com um *cane* em suas nádegas. O *cane* é uma vara de bambu ou rattan, de 30 a 60 centímetros de comprimento geralmente, conhecida pelas marcas, que se revelam de fato na manhã seguinte. Ele sobe a saia, arria a sunga, e ela lapeia. Coisa rápida. Rainha Frágil está preocupada com a produção da festa, por isso fará algumas poucas cenas na noite.

Ela puxa Henrique pela coleira. ideiafix {RF} segue, algemado, como se seu corpo de 1,80 m engatinhasse de pé. Ela o prende numa gaiola adequada ao tamanho, à vista do público da festa. Rainha Frágil tem controle sobre tudo. Conheceu, há mais de 10 anos, a sigla que mudou o velho entra-e-sai.

BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo), sigla que agrega uma infinidade de fetiches eróticos, rotulados tradicionalmente como transtornos sexuais. Sua face mais conhecida é o sadomasoquismo, com seus papéis de dominação e submissão. Mas suas possibilidades são incalculáveis e seus praticantes escapam aos estereótipos. O BDSM confunde fantasia e realidade. Pode ser uma prática bastante delimitada no tempo e espaço, restrita às cenas, como se chamam as relações sexuais sadomasoquistas, que são interpretadas e vividas ao mesmo tempo, sem uma clara diferenciação entre realidade e fantasia; ou mesmo um modelo de vida, presente no cotidiano de seus adeptos.

Quase todos os praticantes de BDSM em Fortaleza se esgueiram em seu dia-a-dia, escondendo a prática pelo preconceito da sociedade. “Como é que você acha que vão encarar, por exemplo, um médico assumidamente sádico?”, pergunta Rainha Frágil, praticante e ativista do BDSM em Fortaleza.

II
Segunda-feira. Uma mulher de meia idade entra no sex shop, dirige-se à prateleira de filmes pornô e, em meio à monotonia de loiras peitudas arreganhadas, pega o DVD *Puck – o duende perverso*. Um filme, sem sinopse, baseado na obra do clássico poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare. Constata que a perversão de Puck não é o que procura.

— Você tem algum filme de sadomasoquismo?, pergunta à balconista.

— Ah, não. Nunca tem coisa boa desse tema. Eu também tenho muito interesse nele, responde Amanda, baixa, pele branca com cabelos pretos, dona da loja.

No primeiro pedido de produtos que fez para abrir o estabelecimento, há 10 anos, caprichou nos artigos sadomasoquistas. Arreios, chicotes, cintas, *plugs*. As mercadorias ficaram empacadas por muito tempo, até ela perceber que o máximo que saía era algum chicote da Tiazinha. Na época, estava conhecendo e tinha muita curiosidade nos instrumentos. Havia apenas um sex shop na cidade. Ela aproveitou que fechara sua pousada e mudou de ramo, abriu a loja, mesmo receosa de entrar numa como cliente. “Eu era como qualquer senhora da minha idade, tinha medo e vergonha do que ia encontrar lá dentro”.

Hoje, ela, 44 anos, faz uma leitura dos hábitos sexuais dos fortalezenses por trás de seu balcão. “As pessoas que entram aqui são as mais mamão-com-açúcar. Meninas de 20 e poucos anos, até 40, que vêm comprar coisas para o namorado, são as primeiras clientes, as mais frequentes. Depois são casais que vêm juntos. Quem compra mais é mulher. Quando vêm três mulheres, não compram. Daí, voltam sozinhas. No casal, geralmente, é ela que escolhe. Levam brinquedinho, já estão levando pênis também. Tem hora que junta aqui

um monte de homem, eles ficam à vontade, mas se entrar uma mulher... Eu já vi várias vezes essa cena, não foi uma vez, não. Ela entra, chega aqui: ‘Sabe aquele pênis, ali’. Compra na boa e eles ficam sem jeito, se não saírem”, relata.

Antes, chegavam a ligar para ela perguntando se era necessário tirar a roupa pra entrar. “Isso já é um fetiche!”, emenda Carlos Henrique, também presente. Conversamos na sex shop, três dias depois da festa de sexta, nos intervalos de ausência de clientes.

Ela continua: “Eu lembro que uma coisa que aparecia muito aqui era menina dizendo: ‘Ó, meu namorado quer que eu penetre ele’, achando que o namorado era gay. Hoje, não, vem o casal, compra um pênis, ou vem ela sozinha. O homem não muda, talvez mude com a parceira, entre quatro paredes. Eles só compram produtos que retardem a ejaculação, que ajudem a ereção e esse que ajuda a aumentar o pênis. O homem ainda tá achando que o negócio é penetrar.”

Ela fala com propriedade. Em São Paulo, no final dos anos 1970, transou em profusão, empunhando a bandeira da geração de quebra de tabus. “Eu digo que transei com metade da lista telefônica de São Paulo. Eu digo isso, porque eu conheço a menina que transou com a outra metade. Mas eu fui ter o primeiro orgasmo com 32 anos, porque a gente não tinha educação sexual. A gente transava, mas não sabia o que estava fazendo. Hoje, as meninas sabem, eu percebo aqui. Nunca gostei muito de penetração, que é uma coisa complicada para se dizer a um companheiro. Eu fazia uma viagem imaginando ser submetida, daí eu tirava prazer. Mas, se fosse a penetração pela penetração, não ia me dar isso. Alguns, de vez em quando, topavam algumas brincadeirinhas que eu inventava, mas não tinha nome pra isso, eu achava esquisito. O que eu não sabia é que exista o BDSM saudável.”



III

“Explore o mundo da dominação e submissão, prazer e dor na masmorra urbana, onde as correntes libertam e as máscaras expõem”, lê-se no topo do convite para a festa Profania, acontecida no dia 7 de março, em Fortaleza. A proposta: “organizada por um grupo de praticantes fetichistas de Fortaleza, a Profania é uma festa onde fetiche são expostos sem preconceitos, em um ambiente de alegria, fantasia e consensualidade, propício para performances eróticas, em que os participantes trocam experiências entre si, realizam e interagem suas fantasias uns com os outros, e provocam olhares alheios”.

SadoMazela é o *host* da noite, um recepcionista performático. É responsável por receber as pessoas, descontraí-las e regular o *dress code*: quem chegar vestindo algum fetiche recebe um vale verde, indicando ingresso mais barato; todos de preto, vale amarelo; e comuns, em cores, jeans e afins, vermelho.

Muitos chegam tensos, encurtam o quanto podem o diálogo com o *host*, que tenta, extravagante, erotizar a noite com piadas como a do seu querido Benjamin, um pênis preto de borracha, base de seu chicote. “Vou dizer, o cara de quem tiraram essa forma aí é um animal”, diz. “Quando eu vi isso aqui na loja, eu pensei: ‘Não! Vou ter que usar como apetrecho performático’. Minha mãe ficou chocada. ‘Sai com as tuas imundices daqui, seu tarado ateu.’ Mas ela dá mó valô. Brinca com a minha cara, mas acha legal minhas manifestações artísticas desviantes”, fala SadoMazela, fanfarrão.

A Kubalada é uma boate dedicada normalmente ao público de swing, casais que buscam trocar os parceiros. Naquela sexta, muitos chegaram sem entender claramente o porquê de um homem naqueles trajes ali. Outros dois estrangeiros chegaram apressados. Levaram a ficha vermelha.

“Talvez essa festa sirva até para popularizar, porque tem muita gente enrustida que parece que tem que dar uma de macaco de imitação para se motivar. Muita gente que tá contida vem à tona mesmo, gosta, assume a prática”, comenta.

Lá dentro, Rainha Frágil anda sobre saltos finos, próprios para apoiar as pontas nas costas de sub-alex {RF}, nick de Tiago no universo SM, usado na Internet e, presencialmente, como mais uma composição do próprio personagem. As chaves representam a submissão à Rainha Frágil. Ele se ajoelha para lambe-la, enquanto sente, junto a tudo mais, as lembranças do acidente de moto. O joelho direito de Tiago é tricotado por cicatrizes, por isso a preocupação da Dona com as dores de seu escravo. Ele não pode se demorar ajoelhado pelas sequelas do acidente. Mas adora lambe-la, botas e pés dela, mesmo que eles tenham marcas de graves queimaduras de um acidente de carro que Amanda sofreu.

Tiago veio a Fortaleza somente para a festa, produzida por sua Dona. A Profania é uma das primeiras do gênero na cidade. Os dois possuem uma relação de alguns meses, que começou, como muitas, em uma sala de bate-papo na Internet. Ele impressionou a Rainha Frágil pela sua abordagem. Normalmente os submissos chegam para teclar com ela afoitos: “Posso beijar teu pé?” Algo comparável a um homem fazer o seguinte convite: “Vamos transar!”. Eles conversaram sobre política, música, novela, cotidiano. Aqui e ali, uma deixa. “É uma



paquera igualzinha até o momento de fazer o sexo, de ir para cama”, compara Amanda.

O motivo pelo qual brincadeiras com algum tipo de punição atraíam tanto Tiago era desconhecido. “Aos 14 anos fui notando isso com mais intensidade, compreendendo que gostava, mas sem entender ainda o porquê... brincava com amigos imitando a escrava Isaura... parece cômico, mas foi meu início, me sentia bem em estar no ‘tronco’ apanhando e só depois de muito tempo com acesso a internet entendi o que realmente sentia conhecendo a filosofia BDSM”, conta.

Hoje, com 36, diz que é “muito bem resolvido como submisso”. Mora em Natal, onde trabalha como odontólogo, e vive 24 horas por dia a relação sadomasoquista com Rainha Frágil. “Minha Dona tem formas de se manter presente mesmo a distância, posso usar uma calcinha durante meu trabalho, posso usar uma gargantilha no tornozelo simplesmente... executo tarefas que ela tem como verificar mesmo a distância, exemplo, ir a um determinado ponto turístico e fazer uma pose um tanto inusitada... e fotografar. Posso ser monitorado via mensagens de texto, bem como por telefone e internet. Ela dita os horários que posso entrar e com quem posso me relacionar na net. Existem mil maneiras.”

IV

Ideiafix {RF} está preso na gaiola vestido de mulher. Tempos atrás, ele começou a mandar alguns contos sobre feminização. Carlos Henrique sempre gostou. Amanda, não muito. Mas ela leu um que lhe excitou, confessa, e morde levemente os próprios dentes ao contar a história. Para ele, feminização é a fantasia favorita. “Não me pergunte o porquê. Também não consigo encontrar uma explicação”, respondeu Henrique por e-mail dias depois

da festa. Outra das suas fantasias mais antigas é o cárcere. “Quando criança, adorava ser pego quando brincava de pega-pega.”

Ele conheceu Rainha frágil há uns 10 anos, na internet. “Eu era muito galinha naquele tempo, pegava uma dona, aí ela dizia: ‘Agora, você é só meu!’. Eu respondia: ‘Sim, senhora’. Depois ela saía, eu saía também, trocava o nick e voltava. ‘Ajoelhe-se enquanto você digita’. ‘Sim, senhora’, e eu sentado. ‘Tire a roupa!’. Esperava um pouquinho... ‘Sim, senhora’”, confessa o fingimento virtual hoje, com 28 anos.

Conversaram, e quando ele descobriu que ela também morava em Fortaleza, ficou ainda mais interessado. Mas ela sumiu. “Eu pensava direto nela. E não conseguia entender por que ela não me respondia. Sei lá, comecei a achar que tinha escrito algo que não devia ou então que estava me testando. Escrevi vários e vários e-mails por um tempo e então desisti.”, relembra. Nenhuma das hipóteses coincidia com a realidade.

Amanda acordou atordoada, dois dias depois. Demorou para entender. Seu filho lhe contou que tinha sofrido um acidente, o carro pegou fogo e ela queimou 23% do corpo. Passou muito tempo internada, sem imaginar as mensagens enviadas por Tiago, até seu filho lhe dizer: “Mãe, chegou lá um e-mail que tem um cara deitado, amarrado”.

Henrique enviava fotos que encontrava pela Internet e subscrevia: “Se eu for seu escravo você pode fazer isso comigo”.

“Desde criança, seis, sete anos, eu já tinha fantasias com SM. Eu imaginava uma menina me usando como cadeira. Uma cena que eu vivo lembrando que era de um desenho que se passava em Beverly Hills, futurista, e tinha um motorista que era apaixonado por uma menina, e a menina era aristocrata, altamente patricinha, arrogante, e ela tinha planos malévolos para acabar com a mocinha. O motorista ajudava, e sempre que algum plano dava errado, ela descontava a raiva dela nele. Teve uma vez, uma cena que eu achei linda, até hoje fica na cabeça. É uma cena que ela abre a porta do carro e tem uma poça d’água e ele se joga e ela passa por cima dele. Eu achava lindo. Eu dormia pensando, transformava as cenas”, fala Henrique, lábios carnudos, pés quase imóveis e dedos longos inquietos.

Ele percebia, mas não entendia, nem se angustiava, até assistir, entre os 13 e os 14 anos, uma reportagem na TV sobre sadomasoquismo. “Comecei a ler dicionário, enciclopédia, e geralmente era uma coisa negativa, ‘distúrbio desviante não sei o quê.’ Eu pegava

os pontos positivos.” Aos 18 anos, com a Internet, topou com o BDSM e anos depois com Amanda.

Ela se recuperou, voltou pra casa e eles voltaram a conversar, mas ela tratava ele como um moleque, sempre a espera da hora em que ele desistiria. Os dois namoram há 10 anos.

V

Um dia depois da Profania, Amanda estava tensa, praticamente sem dormir, obrigada a trabalhar logo cedo no sex shop. Calhou de Luciano, jornalista paulista, 42 anos, estar livre no dia. edgeh {RF}, seu nick, também é escravo da Rainha Frágil. Além disso possui uma escrava, é um *switcher*, ora masoquista, ora sádico. É como se Luciano vivesse três papéis. Três, porque ele também possui um casamento que poderia se chamar de “baunilha” (termo pelo qual os adeptos se referem aos não-praticantes). “Minha mulher sabe que gosto e que pratico. E optou por ignorar o assunto – basta que eu não deixe mostras de nada e está tudo bem. Ou seja, é uma liberdade consentida. E como ela não suporta nem a ideia de sexo não-convencional, ficamos assim: faço as minhas coisas e evito que ela fique sabendo, embora ela tenha conhecimento disso”, explica por e-mail.

Amanda aproveitou a disponibilidade. “Eu estava com raiva, porque eu achei um monte de defeito na festa, não dormi, tive que trabalhar. Mande ele fazer tudo no extremo. Ele gosta de retenção, ele é obrigado a reter a urina, ele gosta de ficar com a bexiga cheia, cheia, cheia, até o limite, e só alivia quando eu permito. E eu estava com essa tensão toda, então ‘eu quero que você vá ao extremo, vai beber toda água que você puder’. Ele é todo da consensualidade. E nas regras do jogo eu não posso ir para uma sessão com raiva, porque eu posso tá misturando sentimentos que são perigosos. Eu pensei que ele iria vir com um sermão. Aí passou um tempo e chegou a mensagem de celular: ‘Sim, senhora.’”

Edgeh deu notícias de suas tarefas também por mensagens, depois de Rainha Frágil perguntar como estava: “Me aguentando”, “Quase morto”. Ele teve que reter por muito tempo a bexiga, além de ter de dormir com um plug de metal no ânus. “Fiz o que disse que faria para deixá-la satisfeita. E ela sabe que eu fiz mesmo – até porque meus próprios níveis de masoquismo não permitiriam que deixasse de fazer...



foto: mattdork



foto: masterleathercraft

A relação de Rainha Frágil com edgeh tem contornos mais sádicos, de imposição de sofrimento físico, diferente da submissão mais psicológica de ideiafix ou da de sub-tiago, mais de adoração e reverência. Os três são propriedades dela, não podem ter relações com outras dominadoras ou dominadores sem a permissão da Dona.

“Eu não amo o amor dele. O que eu amo não é ele, é o amor que ele pode me dar”, diz, referindo-se à Henrique, ao seu lado. “Eu acho que ela está certa! (risos) Afinal de conta eu sou ‘feito’ de várias coisas. O amor que sinto por ela é uma delas e é isso que a tem fígado por todos esses anos”, concorda Henrique.

Perguntei a Alex se ele conseguia explicar esse prazer. “É difícil colocar em palavras o que você sente no corpo, mas é uma sensação que liberta sua alma, você fica muito mais leve, você se sente bem, eu me sinto muito feliz. Se eu pudesse definir eu diria perfeito”. Perfeito? “Perfeito”, diz novamente, sem dúvida. “Existe a fantasia porque a sociedade não está preparada, mas eu sei o que eu quero, sei o que eu sinto e me realizo muito.”

Nem doeu

Esta reportagem foi escrita e publicada em 2008, originalmente no jornal *O Povo*, de Fortaleza, onde trabalho até hoje, e posteriormente no site *Overmundo*, do qual era correspondente naquele ano. Lembro que, na época, as histórias de Amanda, Tiago e Carlos Henrique (todos nomes fictícios inspirados levemente em colegas de redação) me impressionaram muito por desconstruírem completamente as formas de se pensar o amor. O que seria, por exemplo, o “amor correspondido” nesses casos de dominação e submissão? A clareza e serenidade de Tiago subverteram na minha cabeça os papéis reservados normalmente aos homens que se submetem por completo às mulheres. “Barriga branca com muito orgulho”, taí uma frase que poderia estampar camisetas. Ou quem sabe poderíamos vestir a célebre frase de Nelson Rodrigues sem pudor: “Nem toda mulher gosta de apanhar, só as normais”. Mas aí o buraco é mais embaixo. Fiquemos por ora com a paráfrase: “Nem só os homens gostam de bater, as mulheres também”.

Overmundo em pílulas

—
Em todas as edições, a Revista Overmundo seleciona o que de mais bacana circulou e gerou discussão entre os conteúdos do site nos últimos meses. Leia mais em overmundo.com.br
—

01

Teatrodança de hibridismos e inovações

Primeiro foram longos anos de estudo em balé clássico em São Luís do Maranhão. Depois, dança contemporânea no Rio de Janeiro, nas mãos da conhecida escola Angel Vianna. De volta ao Maranhão, a bailarina Júlia Emília, então à frente de uma escola anticonvencional de balé moderno, decide fechar as portas e se dedicar integralmente à arte. Parte em pesquisa pelo interior do Brasil, percorrendo diversos estados e conhecendo seus modos, suas danças. Dessa trajetória plural é criado o Teatrodança, que une movimentos das artes marciais e matrizes da capoeira angola a uma bagagem de tradição erudita e vertentes contemporâneas.

02

Movimento Bahiadoc — arte documento

Visando à difusão da produção baiana audiovisual de não-ficção, o Movimento Bahiadoc surge para discutir a prática do documento, as políticas dos meios, as transformações sociais e culturais na Bahia e incentivar realizações colaborativas.

03

Cooperativas musicais e o artista autoprodutor

Músicos e produtores aproveitam as brechas geradas pelo novo contexto, e, incentivados por políticas públicas inovadoras implementadas no campo da cultura nos últimos anos, criam cooperativas em que eles mesmos administram suas carreiras. Saiba um pouquinho mais sobre a experiência da Comum, de Minas Gerais.

04

Leituras, memória e exorcismos

Bruno Azevêdo, escritor que nesta edição apresenta contos e quadrinhos de sua recente produção e comenta sobre o romance festifud *Monstro Souza*, escrito em parceria com Gabriel Girnos, fala de sua memória e afeto pelo trabalho de outro escritor, Josué Montello. Com o primeiro contato com a obra de Montello ainda na escola, através de uma das torturantes leituras obrigatórias, Azevêdo virou fã, tão fã, que o escritor virou fonte de inspiração, pesquisa e, segundo ele, plágio! A relação de Montello com a cidade é explorada neste artigo do próprio Bruno.

05

O sucesso do sertanejo universitário

Luan Santana, Michel Teló e a dupla Maria Cecília & Rodolfo são representantes do sertanejo universitário, gênero que renova a tradição sertaneja matogrossense com melodias que conversam com o pop-rock, mesclando romantismo com violões e refrões que grudam da cabeça. Os músicos são jovens, divulgam seu trabalho na internet em DVDs ao vivo, ganhando a admiração de fãs e sendo convidados para shows fora do país. Vale a conferida!

06

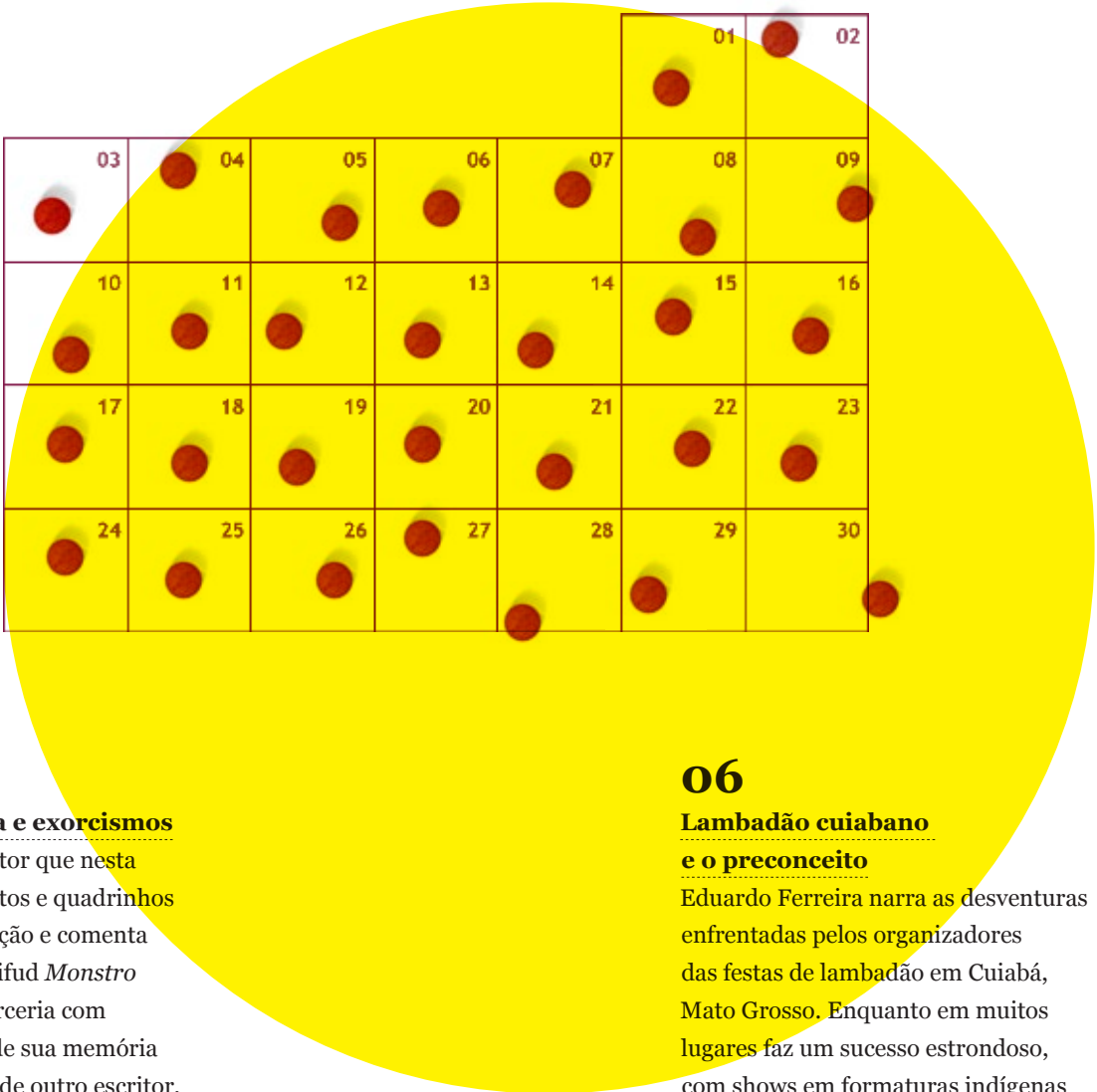
Lambadão cuiabano e o preconceito

Eduardo Ferreira narra as desventuras enfrentadas pelos organizadores das festas de lambadão em Cuiabá, Mato Grosso. Enquanto em muitos lugares faz um sucesso estrondoso, com shows em formaturas indígenas (sim!) e na Bolívia, o lambadão vem sendo sistematicamente perseguido por autoridades políticas locais.

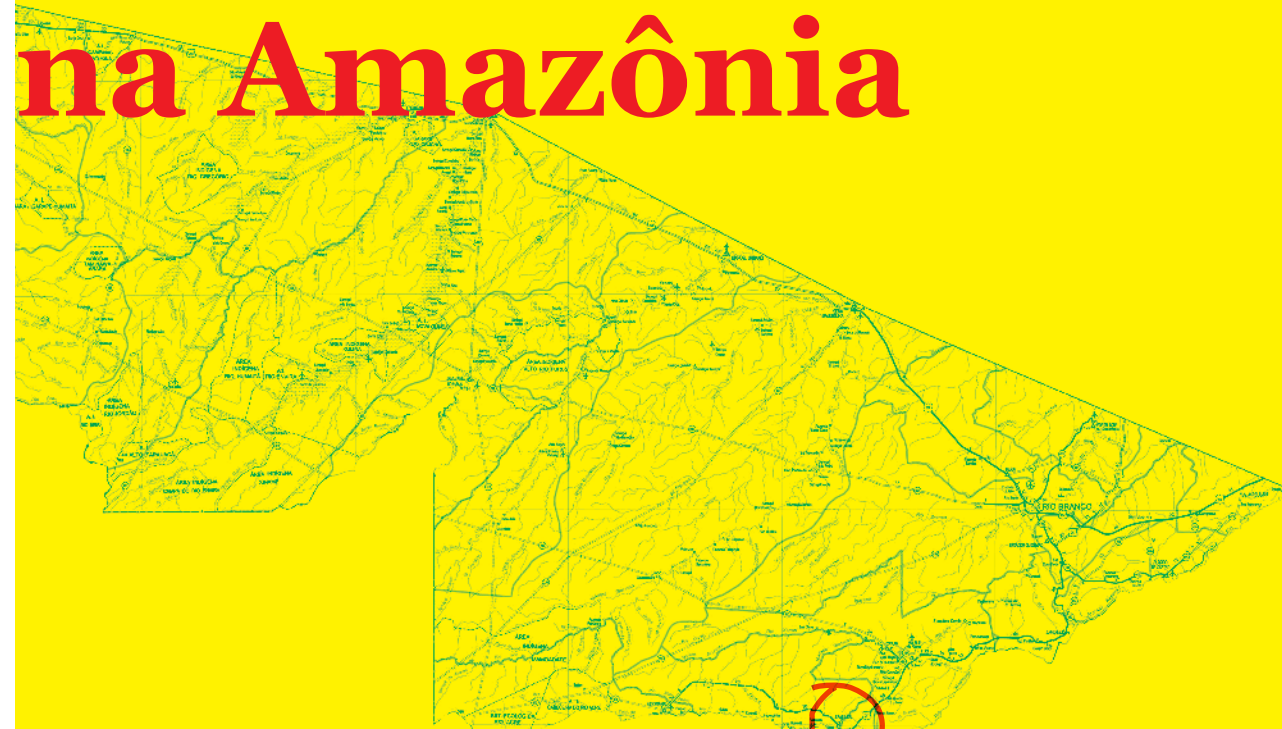
07

Imagens de um Rio de remoções

Cidade das maravilhas, o Rio de Janeiro sofre de discrepâncias sociais visíveis em sua paisagem urbana — em vias de serem agravadas com a chegada das obras para sediar dois megaeventos na cidade. Uma proposta de cartografar a área, reunindo coletivos, movimentos e quem mais chegar.



Um sulista na Amazônia



Impressões de um gaúcho e seu chimarrão ao aportar em Brasileia e Eritaciolândia, cidades geminadas no extremo Norte do país

Milton Francisco



fotos: Milton Francisco

Fim de tarde, duas ou três vezes na semana, tomávamos um tacacá, prato típico do norte. De começo, eu só os acompanhava e procurava agradá-los. A aparência daquela mistura não me parecia das melhores, além de me surpreender a dormência do jambu na língua. Mas, com o tempo, passei a viver ansioso pelo horário do tacacá. Horário de tio Luiz encontrar alguns amigos e tia Isabel, algumas amigas. Horário de afiarem o bom convívio.

Tomávamos chimarrão toda manhã. Havia trazido uma erva muito boa, da qual o tio gostou bastante, de verde intenso e aveludado, como as folhas novas do cupuaçu que ainda invadem o quarto de hóspedes — erva saborosa. Com o calor da região, os vizinhos viviam admirados com a gente beber água quase fervendo com erva, assim diziam eles. Participavam da roda, mas não bebiam.

No início, ficava quase só em casa com meus tios. Às vezes, íamos ali ou acolá.

Com os dias, fui descobrindo a cidade, passei a andar com frequência pelas ruas, ora com meus tios, ora sozinho, sempre bem cedo ou no final da tarde, porque sol a pino aqui não é para ninguém.

À primeira vista, Brasileia e Eritaciolândia não são duas cidades, de tão próximas. A impressão é de ser apenas uma — o que deve acontecer com muitos andarilhos, turistas ou senhores, ao vir aqui à primeira vez. Só se a gente for lendo as placas dos carros ou algumas na porta dos comércios ou outras poucas nas ruas para perceber que são duas. Difícil.

O rio Acre, entre as duas cidades, é insignificante como linha divisória. Pelo contrário, o rio as une, a ponte metálica de cerca de 60 metros intensifica a proximidade da população. De um lado para o outro, pedestres e ciclistas disputam as laterais da ponte. De um lado para o outro, circulam motos, carros e caminhões, cuja passagem é controlada por dois semáforos, um em Brasileia, outro em Eritaciolândia: símbolos da sincronia entre ambas.

A sensação de comunidade única vem, também, das situações informais, familiares e até mesmo de trabalho. Isso percebi no comportamento das pessoas e na conversa que tive com muitas nas ruas, praças e comércios. Um pequeno comerciante em Brasileia me contou que nasceu e vive em Eritaciolândia — claro, nasceu quando tudo era apenas um município —, mas se considera uma pessoa de Brasileia. Fiquei sabendo, também, que, com frequência, há casamentos entre brasileiros e eritaciolandenses; muitas famílias de uma das cidades têm parentes que moram na outra.

Que são cidades geminadas são; comunidade única; seus aspectos físicos e socioculturais se equiparam; isso as afinidades entre a população mostram.

Podem ser diferentes no campo da política. Eritaciolândia era bairro — Vila Eritácio — de Brasileia e se emancipou em 1992, naquela leva de novos municípios pelo Brasil afora.

Também, mostra ser mesmo uma só comunidade a relação que brasileiros e eritaciolandenses têm com Cobija. Eles têm os mesmos sentimentos em relação a essa cidade e seus habitantes. Há gente das duas cidades de cá trabalhando no comércio de lá, ou estudando na Universidad Amazónica de Pando. Há várias pessoas daqui casadas com bolivianos, morando lá ou aqui. Há um vai e vem na compra de bugigangas asiáticas ou coisas úteis por um preço abaixo do praticado no lado de cá, se bem que os compradores trazem *muchas* mercadorias não comercializadas em Brasileia ou Eritaciolândia.

Vi, também, *muchos cobijeños en el* comércio acreano. Eles compram em lojas de eletrodomésticos, *pequeñas tiendas* ou supermercados, comem em restaurantes pratos *brasileños*, independentemente de serem aqui duas cidades. Também, por serem, agora, duas cidades, *los cobijeños no atribuyen* valores distintos aos acreanos.

A gente de cá é mesmo comunidade única, não é?

Por outro lado, é fácil perceber as diferenças em relação a Cobija: são as placas das lojas e dos carros, a farda da polícia, a fisionomia das pessoas, o cardápio das lanchonetes ou restaurantes, as comidas típicas nas ruas. Em Cobija, quase tudo, claro, é escrito em espanhol, apesar da intensa presença de brasileiros, da aceitação da nossa moeda no comércio, de *los cobijeños* relativamente se interessarem por nossa língua. Outra diferença é que, em Brasileia e Eritaciolândia, os motoqueiros são obrigados a usar capacete, como prescreve a legislação brasileira, enquanto em Cobija *son obligados a no usarlo*. É, o Estado cria o crime. Tem lá seus argumentos.

Passei a participar do vaivém sobre a ponte, Brasileia-Cobija-Brasileia, diariamente. Vi desenhado no rosto das pessoas: os bolivianos compreendem e falam o português mais do que nós falamos o espanhol. *Muy bien, pero* por que esse desequilíbrio, perguntei-me.

E acho que descobri: eles têm em seu meio a língua portuguesa. Os acreanos são os principais fregueses

na Zona Franca de Cobija. As rádios e canais de televisão brasileiros são frequentemente sintonizados pelos bolivianos. Isso observei ao andar por *las tiendas cobijeñas*. E nada me faz mudar de ideia: nossos programas infantis, telenovelas e jornais são assistidos em suas residências, e, assim, crianças, jovens e adultos bolivianos saem na frente, compreendem e repetem o que ouvem, não entre si, mas na conversa *con nosotros*.

Meu tio me disse: “Os acreanos daqui são muito diferentes dos acreanos do Quinari ou de Tarauacá, por exemplo. O modo de ser do acreano fronteiriço é, em parte, por causa dos vizinhos.” Venho pensando comigo: o tio, tão simples e tão cheio de razão. Ser brasileiro e eritaciolandense se constitui na interação com os bolivianos. É o estar na fronteira.

Fui percebendo que a proximidade física e social, e a interação diária entre acreanos e bolivianos motivam um modo de ser flutuante, dinâmico, que se constrói em direção ao outro. Mas sem se integrarem em um modo de ser único, um modo de ser brasileiro-boliviano ou boliviano-brasileño. Isso não há. Cada comunidade monitora seu modo de ser, estabelecendo, a cada momento, diálogos inéditos com o outro.

Na verdade, apenas parte dos habitantes de Brasileia ou de Eritaciolândia interage diretamente com os de Cobija, apenas parte atravessa a ponte ou recebe cobijeños do lado de cá e fala com eles. Mas o que essa parte faz é levar aspectos da sua comunidade ao outro, assim como trazer do outro aspectos culturais à própria

comunidade, os quais podem ser inéditos à comunidade receptora ou já conhecidos, que, nesse vir de novo, se reafirmam.

Vi que a afirmação de um modo de ser não implica rejeitar o modo de ser do outro. É na interação que se refaz o próprio modo de ser — brasileiro ou boliviano.

Sempre com o caderno de anotações numa bolsa a tiracolo — artesanato que comprei na Feira do Largo da Ordem em Curitiba —, quando aparecia algo interessante, eu anotava. Tia Isabel e tio Luiz quiseram saber por que escrevia tanto. Contei-lhes que tinha vontade de escrever um texto sobre as três cidades dali. Quiseram-me contar coisas para o texto. Aceitei. A partir daí, nosso chimarrão passou a ser de relatos, casos e fatos diversos.

Com três filmes produzidos entre as décadas de 1960 e 1970, José de Oliveira hoje é saudado como um pioneiro regional

Rodrigo Cabrera

O pintor de cinema

A história cultural de São Carlos tem uma forte relação com o cinema. E um dos personagens envolvidos não se satisfaz em apenas assistir, quis ser parte dela produzindo os próprios filmes. Com poucos recursos e sem formação na área, José de Oliveira, o Zé Pintor, produziu entre as décadas de 1960 e 1970 três médias metragens até pouco tempo desconhecidos para os novos admiradores da sétima arte.

Nascido nesta cidade do interior de São Paulo no ano de 1930, Zé Pintor teve seu primeiro contato com o cinema ainda na infância, quando sua irmã o levava para assistir às sessões de *banque-banque*. Ele conta que ficava triste quando o mocinho do filme morria. “Eu achava que ele morria de verdade e me

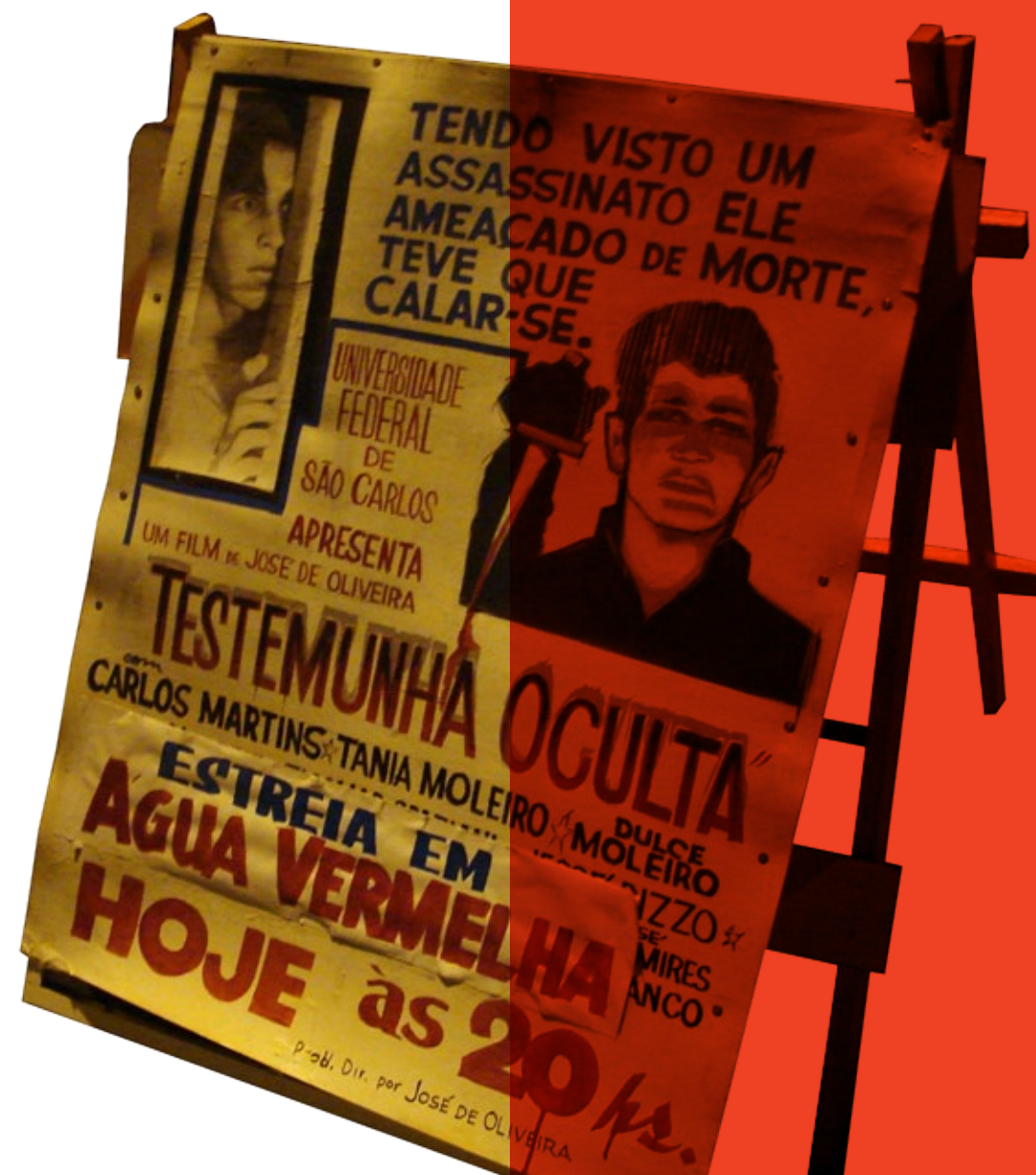
assustava quando via o ator atuando em outro filme”, lembra o cineasta.

Aos 12 anos, Zé começou a trabalhar na limpeza do Cine São José. O pagamento era um ingresso para as sessões e algumas gorjetas. O dia a dia do cinema fez com que se interessasse pelo ofício que lhe valeu o apelido. Os cartazes e letreiros que anunciavam os filmes eram pintados a mão e ele vivia observando o pintor a fim de aprender a técnica. “Foi o zelador do cinema que comprou tintas e pincéis para eu praticar”, recorda. Sua habilidade fez com que rapidamente passasse a exercer a profissão de pintor.

Para completar os rendimentos mensais, Zé começou a fazer filmagens de eventos na cidade como

casamentos, formaturas e desfiles. Mas não estava contente. Queria mesmo era produzir o seu próprio filme. “Na época era muito difícil fazer um filme, principalmente no interior. Os equipamentos eram caros e não havia patrocínios”, conta. Com suas economias, comprou sua primeira filmadora: uma câmera usada da marca Keystone que funcionava a corda. “E ainda funciona muito bem!”, orgulha-se. “Hoje é uma relíquia, já me ofereceram um bom valor por ela, mas eu não vendo não!”, afirma com entusiasmo.

Em 2008, equipe do Cineclube da Universidade Federal de São Carlos (Cine UFSCar), realizou o projeto de sonorização do filme *A testemunha oculta*. Com Zé Pintor, foi feita a recuperação do roteiro e a inserção de dublagens e trilha sonora. A reestrea do filme aconteceu durante a segunda edição do Festival Multimídia Contato, no ano de 2008, em uma praça do subdistrito de Água Vermelha. Durante a exibição, a Orquestra Experimental da UFSCar criou e interpretou a trilha sonora do filme ao vivo para centenas de pessoas.



fotos: Rodrigo Cabrera



Surge o cineasta

Com “uma câmera na mão e várias ideias na cabeça”, Zé roteirizou seu primeiro filme, um *western* — *Uma voz na consciência* — ao estilo dos que costumava assistir na infância. Para atuar, contou com o apoio de alguns amigos, estudantes e atores amadores, e começou as filmagens. “Ninguém sabia como era o processo de produção de um filme, mas era muito divertido”, lembra Américo Talarico Jr, um dos atores. “Todos contribuíam com o roteiro e a criação das personagens.”

As gravações, que aconteciam geralmente aos finais de semana, tornavam o tempo de produção do filme demorado. Também havia o problema de limitação do equipamento que permitia apenas a gravação em sequências muito curtas. “A cada 15 segundos tínhamos que parar para dar corda na câmera”, explica Zé. Com o filme finalizado, apenas depois que os negativos eram revelados, tinha início a edição, feita de maneira artesanal.



Já com alguma experiência, o pintor começou a produzir seu segundo filme — *Sublime fascinação* — um romance permeado pelo sobrenatural. Ele conta a história de uma garota que sofre de uma grave doença e começa a receber a visita do espírito de um rapaz pelo qual se apaixona. “Neste filme os atores eram muito jovens”, lembra Zé. “E mesmo sem nunca terem atuado, desempenharam muito bem o papel.”

Um dos aspectos interessantes dos seus filmes são os locais onde eram realizadas as gravações. Sítios, casarões abandonados, praças e até mesmo no cemitério. Qualquer lugar se tornava cenário para suas histórias. Para o professor do Departamento de Artes e Comunicação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar),

João Carlos Massarolo, os filmes de Zé Pintor têm uma importância histórica ao registrar o cotidiano do município. “Em suas obras podemos observar o momento de transição dos costumes rurais para o urbano em São Carlos”, comenta.

O último filme — *A testemunha oculta* —, produzido em 1969, é um suspense policial ao estilo de Alfred Hitchcock que apresenta amadurecimento técnico em relação à linguagem e edição. Mas, quando questionado se buscou inspiração no cineasta inglês, Zé brinca: “Na verdade foi Hitchcock que veio ao Brasil, e copiou minha ideia.” Um detalhe curioso é que, apesar de seus filmes serem “mudos”, Zé escrevia o roteiro com as falas dos personagens e trilha sonora. “Na época a sonorização era gravada separada da imagem e eu não tinha o equipamento para gravar o som”, explica.

Mesmo realizando três produções completas e alguns outros trabalhos que não foram finalizados por falta de recursos, Zé Pintor é um artista que passou despercebido pela sua época. Com poucas oportunidades e lugares para exibição, seus filmes foram assistidos apenas em pequenos grupos de amigos. “Infelizmente o reconhecimento pelo trabalho do Zé Pintor demorou a acontecer”, lamenta Massarolo. “Ele pode ser considerado um dos pioneiros do cinema na região, assim como Humberto Mauro foi para o cinema brasileiro”.

Cachorroquente assassino, romance arrasaquarteirão

Autores do romance festifud-fantástico-pop-pornográfico *O Monstro Souza*, em que um cachorro-quente ganha vida e se transforma em um serial killer numa São Luís montelleana, Bruno Azevêdo e Gabriel Girnos respondem a entrevista coletiva sobre sua obra

Viktor Chagas

jean Okada

ilustração: Jean Okada



ilustração: Rômulo

Uma escritora ocultista renomada, que assina sob a alcunha de Dion Fortune, e escreveu manuais de defesa psíquica por volta da década de 1940, costumava dizer que dois elementos mágicos são os materiais humanos que mais despertam interesse dos feiticeiros: o sangue e os fluidos sexuais. Dito isto, tendo a concordar com o encerramento da resenha de Marcelo Marat sobre *O Monstro Souza*, pois a literatura de Bruno Azevêdo (o acento é mera idiossincrasia) é de fato “visceral”.

O Monstro Souza é um cachorroquente de um metro e oitenta, garoto de programa, 100% discreto e gostoso, autofágico e assassino! Criação literária de Bruno Azevêdo e artística de Gabriel Girnos, o monstro ganha vida após circunstâncias misteriosas numa noite de tempestade. Era um cachorro-quente comum, que sai do forno numa barraquinha de *festifud* e, por uma razão estomacal qualquer, acaba sendo abandonado no cenário cruel de um meio-fio. A partir dali, como efeito de um Gyodai imaginário, o monstro cresce e ganha vida, passando a perseguir seu criador. Frankenstein? De jeito nenhum. Pois o monstro, a exemplo do romance-cola-gem de Azevêdo e Girnos, é quase uma criação coletiva. “A questão do conflito criador/criatura, ao menos na frita do livro, não estava muito na minha cabeça”, diz Bruno. Tanto que o barraqueiro aparece na história como mero coadjuvante, o primeiro perseguido mesmo é o Diogo Henriques®, personagem inspirado, como tantos outros, no círculo de amizades dos autores. Mas é ainda esse mesmo barraqueiro quem lhe dá nome: o Monstro Souza é uma referência ao Sousa, vendedor de cachorro-quente há mais de 15 anos no Centro de São Luís, e que patrocinou metade da impressão do livro depois que soube que seria personagem, mas não gostou do

santinho de candidato dele no final, pois se arrepende de um dia ter tentado a carreira política.

Obra-prima urbana, com forte apego à capital maranhense, digna inspiração de Josué Montello, mas que encontra ecos na relação de Machado de Assis com o Rio e de Baudelaire com Paris, o romance é maduro e mistura um sem-número de linguagens que impressiona. Literatura, quadrinhos, fotonovela, publicidade, recortes de jornal, RPGs, e muitas histórias reais. Tantas, que é quase impossível distinguir real e ficção, mesmo num livro que um cachorroquente assassino avança sobre suas vítimas até a última ervilha.

Mantendo uma parceria quase Sandy-Jr., como se o Gabriel fosse o surdo de Bruno e Bruno o cego de Gabriel, escritor e ilustrador se amalgamam na narrativa a ponto de os papéis se misturarem e se confundirem. “Quanto mais nebuloso puderem ser os créditos, mais todo mundo é autor. Assinar *O Monstro...*, por exemplo, é um gesto cínico, considerando a quantidade de gente que criou ou foi assaltada nele”, arremata o historiador Bruno. O trabalho dos dois se deu, na maior parte do tempo à distância, já que Gabriel mora no Rio de Janeiro (e, mesmo assim, “continua basicamente paulista”) e a interação, em tempos de redes sociais, aconteceu sobretudo via MSN e Facebook. “Dá um trabalho do cão explicar só com palavras!”, resume o desenhista.

Avesso à rótulos, Bruno não compra a pecha de “literatura experimental”. Com sete pedras na mão, o autor sugere que mesmo os quadrinhos e as fotonovelas



Ilustrações (esquerda para a direita): Carolina Melo, Will e Waldelson Paixão

são literatura. “[Os rótulos] definem menos o que eu faço e mais aquilo que é considerado literatura normal, grande arte etc. etc.” Essa talvez seja a porção mais conservadora do radical escritor maranhense. Como todo artista, não suporta classificações.

Dupla dinâmica, como Batman e Robin, Bruno e Gabriel planejam (meio a sério, meio a brinca) uma sequência para *O Monstro* em 2018, mas, para isso, diz Bruno, precisarão de mais alguns anos para recolher recortes de jornais. *O Retorno do Monstro Souza*, precursor de *A Filha do Monstro Souza* narrará, segundo o escritor, a destruição de São Luís pelo cachorroquente, que vira um enorme Godzilla. Os acontecimentos se darão simultaneamente à Guerra da Argentina, conflito futurista que “começa quando a Argentina fecha o Paraguai para estancar a economia do Brasil”.

Os recortes de jornais, diga-se, são fundamentais para o romance mashup, recheado de montagens. Esta experiência de leitura, que já havia aparecido na estreia-solo de Bruno com *Breganejo Blues* (livro que mistura a história da dupla sertaneja semi-corna semi-gay Adailton & Adhaylton com os quadrinhos do caubói Tex, e está disponível na íntegra no Overmundo), aponta para a fala do autor sobre o ofício do historiador. Cástico, ele diz que “ler historiadores é um porre! A história, digo, os livros de história, são enormes trabalhos de montagem, de edição, transcritos. O que acho é que não se pode citar conteúdo sem citar forma. Se no *Breganejo* eu só citasse as falas do Tex, perderia dezenas de

camadas de informação que o texto não consegue pegar, perderia a carga sentimental que os leitores do Tex depositam nele e seria escroto com o Gallepini, por exemplo.” Ao deixar texto sem subtexto, Bruno acaba facilitando o contexto, e introduzindo um espaço de fruição interpretativa amplamente participativo na leitura.

Na entrevista abaixo, Bruno e Gabriel comentam um pouco sobre seu trabalho e suas influências, respondendo pacientemente a perguntas não apenas minhas, mas de Cleiton Castello Branco Oliveira, Del Rey, Dado Amaral, Frederick Brandão Urso e outros incógnitos que participaram do momento mas preferiram só observar. Como experiência aberta, originária do Facebook, o papo irreprodutível e esotérico concentrou instantes de bom humor e ótimas tiradas, para os iniciados e os nem tanto.

O *Monstro Souza*, como o *Finnegans Wake* de Joyce, levou mais de uma década para ser escrito. No sentido atribuído a Fortune, o romance do historiador maranhense e do designer paulista é sem dúvida *mágico*.

—
Bruno Azevêdo se define como um historiador e pesquisador do brega, “tem 31 anos e um certo prazer em irritar pessoas”. Gabriel Girnos mora no Rio de Janeiro, já morou em São Luís, mas “continua basicamente paulista”, além de designer e professor de arquitetura e urbanismo.

[Viktor Chagas] **Queria começar pelo final: o Monstro Souza vai voltar? :)**

[Bruno e Gabriel estão comendo um cachorro-quente e já voltam!]

[Bruno Azevêdo] A idéia (com acento) original incluía 2 sequências: *A Filha do Monstro Souza* e *O Retorno do Monstro Souza*. Temos um montão de material presses livros, mas como eles se passam quase simultaneamente em 2018, tenho que esperar ao menos essa década para coletar os jornais. [Gabriel Girnos] “*O Retorno do Monstro Souza*”, se bem me lembro, tinha também como título provisório “*A Guerra da Argentina*”. [Bruno] É que esse teria *A Guerra da Argentina* narrada em quadrinhos, paralela à coisa toda do Monstro Gigante f*dendo São Luís.

—

[Viktor] **Por que *A Guerra da Argentina*?**

[Gabriel] Isso é uma coisa do Bruno... :) Mas referências a ela estão no livro do *Monstro Souza*, a partir do personagem breve do Tenente Ernestinho.

—

[Viktor] **Gabriel, na linha desse limite tênue de autoria que a parceria com o Bruno desperta (não dá pra saber quem é “dono” do quê no livro), fiquei curioso também com o teu trabalho. Muitas vezes não dá para identificar o que é arte tua e o que não é no decorrer do livro,**

embora esteja tudo creditado direitinho. Como é isso? E já emendando, para os dois, como é esse processo louco de criação, que envolve muita pesquisa é certo? O Bruno falou que vai esperar alguns anos pra recolher recortes de jornal... Como isso funciona? Como vocês criam? Como e o que recolhem?

[Bruno] *A Guerra da Argentina* (Guerra do Brasil, para os argentinos) veio da ideia de envolver a atmosfera do livro num evento maior e absurdo. Começa quando a Argentina fecha o Paraguai pra estancar a economia do Brasil. [Gabriel] Vamos lá: desde o início, eu participei fazendo alguns desenhos para o livro e duas das histórias em quadrinhos. Mas desde a primeira boneca que Bruno fez (que deve ser de 2003, 2004) eu vi que o livro já tinha uma ênfase no aspecto gráfico. A forma de Bruno enxergar a literatura é muito “contaminada” pelo visual, e o livro do *Monstro Souza* era obviamente híbrido. Aí eu achei que, ao invés de ter um conteúdo a ser depois “editado” por um designer, o livro deveria ter um projeto gráfico feito meio que em conjunto com as ideias do escritor, talvez atravessando o próprio processo de escrita. E eu propus a ele que eu fizesse esse projeto gráfico. O mais curioso é que, conforme o livro mudava visualmente, outras ideias acometiam Bruno sobre a própria história lá

contida, e o fio narrativo foi mudando aqui e acolá. E eu também ia tendo ideias sobre a organização do livro e da história, que iam sendo absorvidas conforme Bruno achava pertinentes. Minha inserção visual, enfim, virou uma parceria na constituição final do “conteúdo” do trabalho. [Bruno] O *Monstro Souza* levou dez anos pra sair. Foi mais um tempo editorial que de contrução. O livro perambulou por editoras, ganhou dois prêmios antes de sair, boicotei os dois prêmios, e neste tempo todo ele era remexido, cortado, aumentado, repensado. No fim, cortamos 40 páginas para poder imprimir.

—

[Viktor] **No meio tempo entre 2011 e 2018, vocês vão lançar alguma forma transmídia que preencha o intervalo entre o *Monstro* e o hipotético *Retorno do Monstro*? Alguma coisa tipo um *Animatrix*, pra acalmar os ânimos dos fãs?**

[Gabriel] Hehehehe! um *Animonstro Souza* seria massa, mas não há plano nenhum em vista agora. Acho (falo por mim) que estamos felicitíssimos de conseguir ter parido o “monstro”, e de imediato a ideia é dar atenção aos outros vários projetos que ele segurava... Creio que Bruno vá lançar um bocado de coisas nestes próximos anos, em várias parcerias diversas. Quanto a mim, vou começar um doutorado, então prevejo uma aparição muito eventual.

—

“Tipo misterioso. 100% discreto e gostoso.

1,80 m de prazer e volúpias. Universitário.

Ele, ela, casais e grupos. Com ou sem acessórios, uma loucura...’ Ele é um cachorro-quente. E mata!”

[Viktor] **A tirinha Onde morrem os mocinhos chegou a ser publicada de fato ou ali é só um truque de *photoshopagem* para parecer que ela foi tirada de um jornal?**
[Bruno] “Onde morrem os mocinhos” saiu em *O Estado do Maranhão*. Publicávamos tiras por lá naquela época.
[Gabriel] Tem uma história bacana: Bruno bolou a HQ pra ser publicada em tiras no jornal e depois ser montada como uma HQ de página normal no livro (com 3 tiras por página, 9 quadros). Só que ocorreu o contrário: como Bruno ganhou o espaço de uma página inteirinha semanal no jornal, ele publicou lá em forma de página... e no livro publicamos em forma de tira. (no final, acho que ficou mais legal). Assim, a resposta é sim nas duas opções: a história FOI publicada de fato em jornal mas aquilo que aparece no livro É um truque de photoshop... :)
[Del Rey] De onde veio essa ideia de um cachorro-quente assassino, afinal? Porque o livro tem algumas bases em histórias reais, pelo que eu entendi.
[Bruno] Delfin, a idéia original era fazer só um filme de monstro sangrento, com fêmeas de peitos de fora. Comecei a escrever um arremedo de roteiro. No início eram uns vampiros que sugavam os vinagretes que as pessoas carreravam colados com durex no pescoço. Ao longo dos anos a proposta se transformou diversas vezes e deu no que deu. O Souza e várias outras coisas são reais sim. Quase todos os personagens são roubados de outros autores ou são conhecidos meus e do Gabriel.

[Cleiton Castello Branco Oliveira] **A ideia d’O Monstro Souza veio antes do *Breganejo Blues*, certo? Caso sim, por qual razão então ele foi publicado só depois?**
[Bruno] Saiu antes porque era o que cabia no meu bolso pra imprimir e, principalmente, por sugestão do Gabriel. Ele disse que o Breganejo era mais “literário” e poderia ser uma carta de apresentação melhor que a esquisitice toda do monstro. Pra variar, ele tava certo.
[Cleiton] **É, depois de ler *O Souza* eu senti que de certa forma o Breganejo serviu mais como um cartão-postal de boas-vindas do que é a cidade e sua literatura. O Souza para mim parece mesmo uma carta de amor a cidade, mesmo que de uma forma não “ufanista” tradicional.**
[Bruno] O Breganejo é um livro curto, elegante (uau!) e mais fácil de chegar nas pessoas. O que é estranho nisso do Breganejo e do Monstro é que o segundo vende mil vezes melhor. Acho que em breve faremos uma segunda edição!
[Cleiton] **Faz uma promo com os dois então!**

[Viktor] **Mas talvez o que tenha me fascinado mais no *Monstro* do que no *Breganejo* é justamente o entrelaçamento de linguagens. O Breganejo experimenta isso com as tirinhas do Tex, mas o *Monstro Souza* vai mais longe...**
[Cleiton] **A amarração com as notícias é sensacional.**
[Bruno] O Breganejo tenta engolir um universo editorial que se confunde com o universo de formação do personagem. O Monstro tenta engolir uma cidade e as notícias (ao menos pra minha cabeça colonizada de historiador) são uma faceta pública muito fácil das cidades.
[Viktor] **O tom de maturidade no trabalho do *Monstro* talvez esteja nos detalhes sórdidos, como o preciosismo do humor na ficha catalográfica...**
[Cleiton] **O GURPS era pra ferrar com a cabeça do leitor, né?**
[Bruno] Não. Era pra quem conhece GURPS se sentir bem. Eu joguei muito RPG e pra mim aquilo sempre foi literatura. Consumia como literatura.
[Cleiton] **E é, mas me senti n’O Jogo da Amarelinha ali.**
[Bruno] Peguei o GURPS porque ele é o que matematiza o mundo com mais “fidelidade”, além de ser um sistema genérico. Aventura-solo foi outra coisa que consumi muito e achei que caberia bem para Gertrudes, que é a personagem com quem julguei que os leitores mais se identificariam.

[Viktor] **Por que os leitores se identificariam com a Gertrudes? Pelo romantismo?**
[Cleiton] **Pela beleza?**
[Bruno] Por ela ser uma fodida. Que pula de pica em pica procurando algum alento, algum conforto. Mais isso pode ser viagem minha.
[Viktor] **Eu me identifiquei muito com o Delegado Caolho, *\$%@!**
[Bruno] Massa! Só mire pra lá... Hehehe...
[Viktor] **Vocês ganharam alguma comissão do Sousa para escrever o livro? Participaram da campanha do Sousa? E por que, afinal, essa confusão entre Sousa e Souza???**
[Bruno] O SouSa, com ésse, é o cara real. Que vende cachorroquente há mais de 15 anos no centro de São Luís. Escrevi com Z porque minhas primeiras fontes, de jornal, me davam ele com Z e acabou ficando. O Sousa é um cara incomum. Patrocina um monte de gente, livros, peças, shows com a grana que faz vendendo festifud. O livro foi sobre ele por iniciativa minha, mas ele pagou metade da impressão. Investiu na parada. Disse: “Não me importa se tu fala bem ou mal de mim no livro, só quero saber do barulho”.

[Cleiton] **E ele chegou a ler o livro?**
[Bruno] Acho que não. Ele não gostou do santinho de candidato dele no final. Se arrepende de ter sido candidato. Mas todo dia me aparece com uma história nova que ele ouviu sobre o livro.
[Viktor] **Ele não tem medo de ter criado um monstro? :)**
[Bruno] Hehehe... Tomara que tenha criado um monstro mau. Que come criancinha.

[Viktor] **A ideia do *Monstro Souza*, de alguma maneira, é uma recriação pop do Frankenstein? Porque vocês o tempo todo fazem referência aos conflitos criador e criatura, inclusive na própria ideia da Filha do Monstro Souza e do Retorno do Monstro Souza, nomes que aludem à época áurea do cinema do Boris Karloff.**
[Bruno] Quando penso na Filha e no Retorno me vem mais à mente o Godzila mesmo, os Changemen. Porque a ideia é transformar o Souza num Monstro gigante que vai sair por aí chutando casarão colonial. Destruindo o Palácio dos Leões com a ponte Sarney.

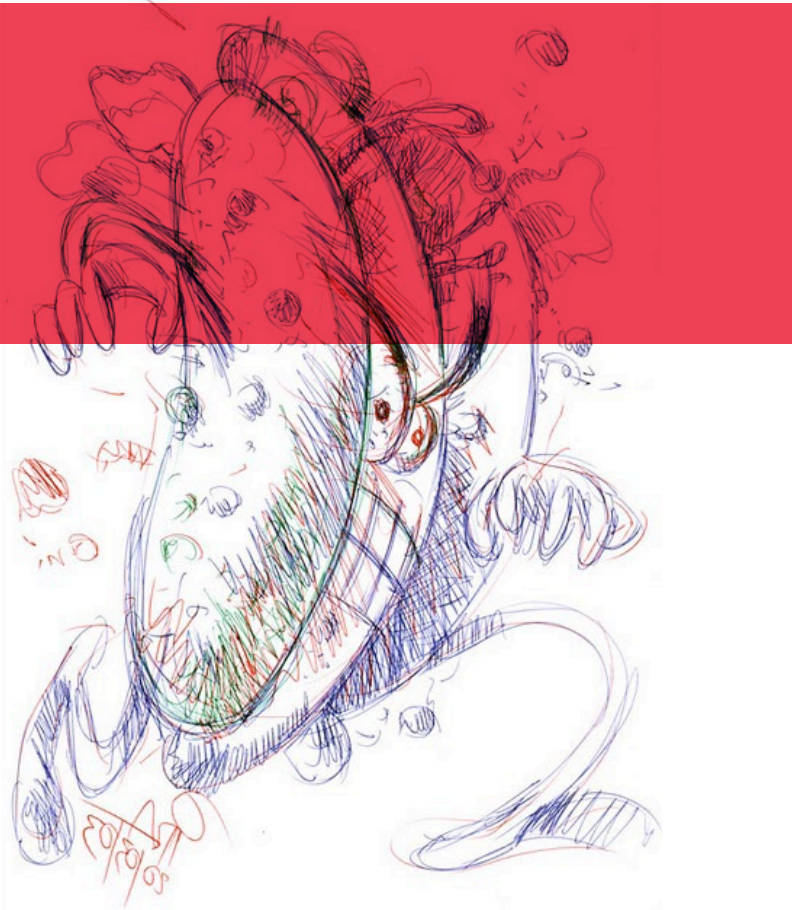


Ilustração: Iramir Araújo

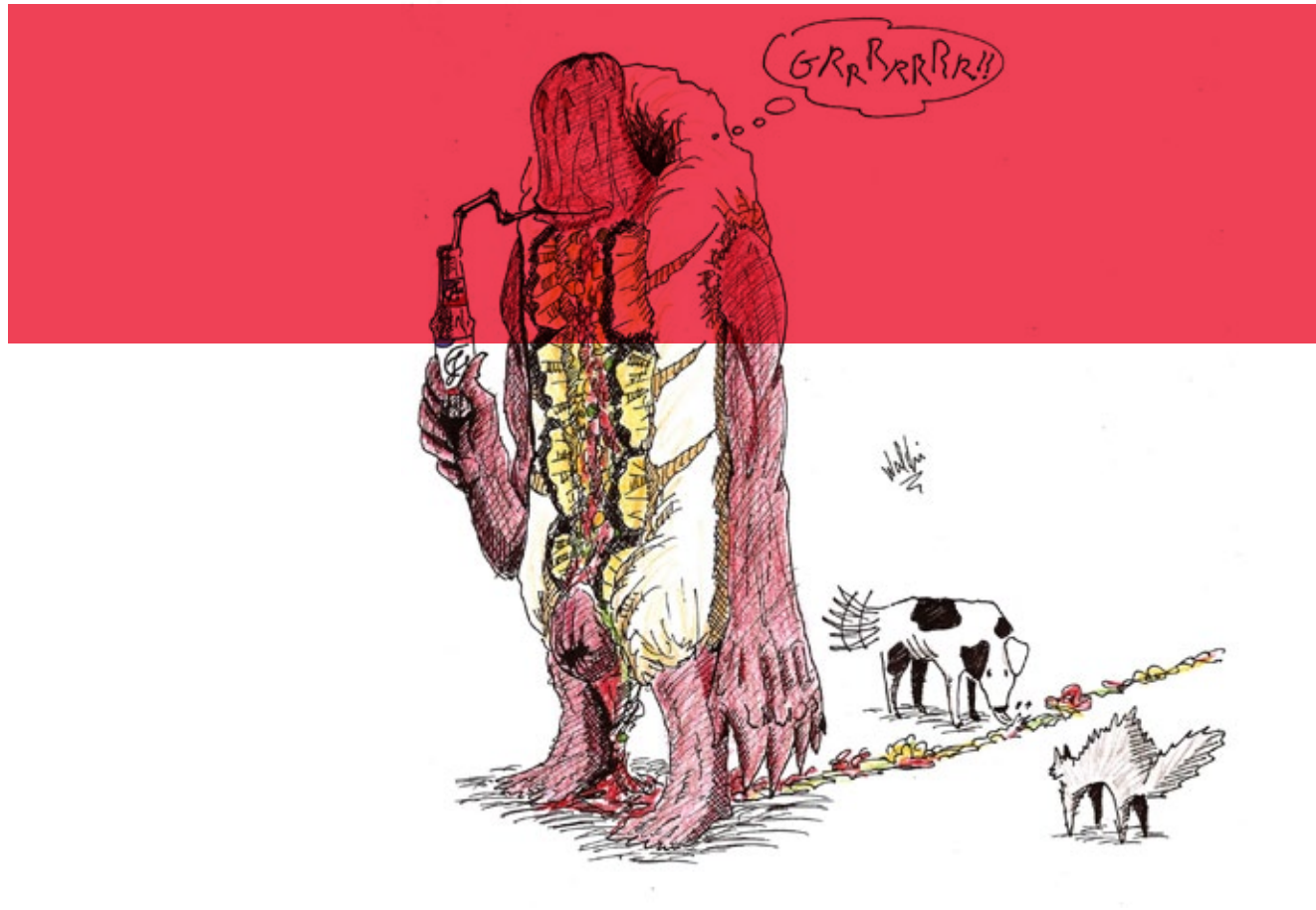


Ilustração: Waldir

[Cleiton] E tem o final do livro, com o... spoiler.

[Viktor] E tem o Gyodai no início. Saudosa recordação...

[Bruno] A questão do conflito criador/criatura, ao menos na fritura do livro, não estava muito na minha cabeça. O Souza no livro quase todo nem sabe da existência do Monstro. O problema com esses mega-ícones como o Frankenstein, é que eles viram canônicos e não se pode falar do tema que eles tocam sem falar deles. Eu conheci o Ghioday sem saber que deveria respeitar mais o Frankenstein. Quando me disseram que o cara era o Frank, armei minha changebazooma e mandei à m*.

[Viktor] A impressão que me dá é que a relação criador-criatura não está necessariamente com o Souza, mas com o Diogo Henrique, que come o Souza (no bom sentido)...

[Cleiton] O Souza come, não é comido jamais. :P

[Bruno] Sim. verdade! O Henriques®. Parte da ideia geral que os monstros (como os alienígenas de jornada nas estrelas) nada mais são que um aspecto exagerado do próprio humano. Neste ângulo, o Henrique e a criatura e o próprio livro podem ter a monstruosidade da criação. De parir.

[Gabriel] É isso mesmo, a relação de “espelho” entre criador-criatura acontece entre Diogo Henriques (o solicitante do hot-dog) e a criatura... o Souza está mais para um parteiro, alguém fundamental porém neutro.

[Viktor] O Diogo Henriques® é também um cartunista amigo de vocês, certo?

[Bruno] Certo. Assim como o Ernesto, os caras em mesas de bar, os frequentadores mencionados do Souza.

[Viktor] Queria perguntar também o que vocês consomem de literatura experimental? Por que além dos nomes mais óbvios como Borges e Cortázar, me parece que há na literatura/quadrinho de vocês uma expressão típica da literatura de mashup contemporânea...

[Bruno] Vou ser chato aqui: não gosto do termo literatura experimental, literatura alternativa, pós moderna etc. etc. etc. Gosto de pensar que faço “literatura” e só. Qualquer coisa além disso precisa de explicação, e termos como experimental falam menos de mim que do Machado de Assis. Definem menos o que eu faço e mais aquilo que é considerado literatura normal, grande arte etc. etc. Mesmo os quadrinhos e as fotonovelas eu chamo de literatura.

[Viktor] Boa consideração. Eu, por outro lado, gosto da ideia de experimentação. Acho que uma “literatura experimental” não precisa necessariamente tratar de um subgênero literário, porque no fundo toda boa literatura (como toda boa música e todo bom cinema etc.) é experimental... Mas há literatura que não experimenta, que só chove no molhado.

[Bruno] Borges e Cortázar nunca li. Li muito Valêncio Xavier, que trabalha montando coisas e é massa. E li quase tudo do Montello, muito Alan Moore, Mutarelli e milhares de gibis.

[Viktor] Conhece blogs como o Porra, Maurício! e o Garfield Minus Garfield? São duas experiências de mashup com quadrinhos bastante inteligentes e que acho que têm muito a ver com o teu trabalho também...

[Bruno] Conheço os dois e são do c*! É, funcionam na base dos desvios, que de fato usamos muito.

[Em determinado momento, pela sequência de mensagens e comentários no mesmo tópico, Bruno teve seu perfil bloqueado pelo Facebook e os papéis de entrevistador e entrevistado tiveram de se inverter, com ele postando as atualizações de status e os demais comentando.]

[Bruno] O Facebook acabou de me bloquear pra fazer comentários. Disse que eu estava me comportando mal. Vou postar perguntas e respostas como posts aqui.

[Cleiton] Acho que isso acontece quando se comenta em demasiado.

[Viktor] Acho que foi porque você usou um palavrão ali embaixo. Hehehehehe.

[Gabriel] Cacilda. Não sabia dessa força moralizadora do Facebook!

[A entrevista segue.]

[Viktor] Onde vem essa vontade de montar?

[Bruno] Afora o Lego? hehehe... Na boa, montar informações é como eu sei escrever. Não sei se conseguiria encher 400 páginas...



Ilustração: Eduardo Filipe, o Sama

—

“Assinar o Monstro, é um gesto cínico, considerando a quantidade de gente que criou ou foi assaltada nele.”

—

Bruno Azevêdo

[Viktor] Isso é muito bom. Especialmente considerando a tua formação como historiador. No fundo no fundo, o trabalho do pesquisador é também uma montagem sem fim...

[Bruno] Ler historiadores é um porre! A história, digo, os livros de história, são enormes trabalhos de montagem, de edição, transcritos. O que acho é que não se pode citar conteúdo sem citar forma. Se no Breganejo eu só citasse as falas do Tex, perderia dezenas de camadas de informação que o texto não consegue pegar, perderia a carga sentimental que os leitores do Tex depositam nele e seria escroto com o Gallepini, por exemplo.

—

[Viktor] Talvez o trabalho de montagem historiográfica seja mais lento que o trabalho de construção literária, mas ainda enxergo um bom paralelo entre os dois. De qualquer forma, de fato deixar o texto sem subtexto facilita o contexto. E é sem dúvida a melhor maneira de construir uma boa narrativa...

[Bruno volta à questão da animação e de outros formatos para o Monstro.] [Bruno] A ideia de fazer outras coisas esbarra na possibilidade técnica. Animação precisa de animadores, que custam trana, que não temos. Até agora só torrei dinheiro com literatura e pensar em novos projetos, mesmo com o Monstro, tem que passar por essas coisas. Comecei a me interessar por fotonovelas, por exemplo, porque é algo que posso fazer só, sem ter que aporrinhar ou contratar desenhistas.

—

[Viktor] Isso me remete de volta a uma pergunta que ficou largada lá no início...

[Bruno] Qual mesmo?

—

[Viktor] Você e o Gabriel têm uma relação quase de unha e carne, quase uma Sandy-Jr. Ainda assim, o trabalho dos dois é bem distinto. É quase como se o Gabriel fosse o seu surdo e você o cego dele. Em que momento bate a vontade de assumir todo o processo criativo — se é que bate?

[Bruno] Em mim não bate nunca. Quase tudo que fiz foi com algum parceiro, no pong-pong. quanto mais eu puder ajudar a demolir essa ideia de autoria, melhor.

—

[Viktor] Mas você fala na facilidade em poder criar fotonovelas...

[Gabriel] (Queria ver a Sandy e o Jr. fazendo dueto a 3 mil quilômetros de distância...) [Bruno] As fotonovelas com certeza envolverão outras figuras e quanto mais nebuloso puderem ser os créditos, mais todo mundo é autor. Assinar o Monstro, por exemplo, é um gesto cínico, considerando a quantidade de gente que criou ou foi assaltada nele. É como o diretor de cinema, que assina como sua uma obra coletiva. Por isso, colocamos na capa “um

livro de bruno azevêdo e gabriel girnos”. É uma onda como essa do cinema. Uma forma de dizer “a gente sabe que assinar é sacanagem”.

—

[Viktor] O Ariano Suassuna é quem faz uma defesa do plágio muito interessante para essa circunstância. Ele diz que a literatura dele só existe porque existe plágio, e que ele plagia tudo que é cordelista. Guardadas as devidas compreensões, a assinatura de vocês dois na capa do livro segue na mesma linha, acho. Mas esse lance da distância ainda ficou de fora. Como é que se dá esse diálogo tão distante, Gabriel?

[Gabriel] Mais ou menos como esta entrevista... por escrito e dependente de conexão! :) Falando sério: nesses 10 anos nós mantivemos um diálogo constante por e-mail sobre assuntos quaisquer que nos interessavam. O Monstro Souza era um desses. Nas vezes esporádicas em que eu ia a São Luís (como agora), aproveitávamos para trabalhar mais concentradamente e discutir coisas duras de se discutir por escrito. Quando os prazos mandavam (como no fechamento desta edição) foi tudo por escrito, via MSN e Facebook. Dá um trabalho do cão explicar só com palavras!

—

[Viktor] Principalmente para quem desenha! :D [Encerrando a entrevista.] [Viktor] O papo foi ótimo e é pena tremenda que tenha de acabar.

[Gabriel] Valeu! Foi ótimo conversar aqui.

—

[Viktor] Ao menos você saiu dessa com a sua reputação ilibada. Já o Bruno foi enquadrado como spammer — deve pegar uma semana de trabalhos forçados na colônia penal do FarmVille... Falando sério: obrigadíssimo à dupla dinâmica, Gabriel e Bruno. Foi muito bom estar com vocês... :)

[Cleiton] “...brincar com vocês, fazer do mundo o que a gente quiser...”

[Bruno] Assim que o Facebook me fizer rezar dez Cremos e 40 Pais Nossos, comento tudo.

—

[Viktor] CLOVS! CLOVS! CLOVS!

Literatura “festifud”

—
Um escritor multitarefa. Ele escreve contos, roteiros de curtas, quadrinhos, estórias e história. Na mesma proporção, seus escritos mesclam ficção e não-ficção, referências a clássicos da literatura, a séries de tevê, ao universo pop japonês, a escritores e cineastas famosos, a reportagens de jornal e até a RPGs e videogames. Não só as referências, mas também as linguagens se misturam, se intercalam, se interpenetram. A ponto de se confundirem. Bruno Azevêdo (o acento é mera idiossincrasia) é um escritor que não cabe em definições “quadradas” de literatura. As três obras abaixo dão uma pequena amostra da indomesticabilidade do autor, mas representam também somente um pequeno tira-gosto para as obras de fôlego ainda maior, em que ele flerta com mashups das tirinhas do caubói Tex de Bonelli e Gallepini (na novela “trezoitão” *Breganejo Blues*) e explora os limites do gênero literário (no romance “festifud” *O Monstro Souza*). Literatura nua e crua!

—

foto: INOOS/EWE

Maurília ainda tinha tempo de tomar café,

Um conto de Bruno Azevêdo

na varanda, como se fosse a dona da casa.

Queijo, frutas, de tudo isso gostava.

Levou as louças à pia. Lavou. Secou, guardou no armário. Tinha aquela roupinha que só se diria existir em novelas, em cidades que na cabeça dela eram sempre frias e onde a gente é bonita e rica. Preferia o rádio, menos pela programação que pela possibilidade de se ocupar de outra coisa.

Como passar. O que fazia ainda agora, apesar de tudo. Impressionava que as coisas acontecessem ao mesmo tempo. Até oito era esporte, depois notícias, depois às vezes música. Se você gostar de uma dessas coisas tem que se contentar com só uma fatia do mundo!

Com o tempo ela aprendeu que não adianta passar pasta de dente, melhor usar só água e esperar.

Aproveitou pra lavar os banheiros, três ao todo. O seu lavava à noite, enquanto banhava. Tinha uma ordem nos xampus e cremes que ela fazia no tato, alguns com a tampa pra baixo, outros com a tampa pra cima.

Saiu do banheiro, não dá pra usar as mesmas vassouras, que molham. Antes de varrer a casa, que consome toda a manhã, precisa trocar de ferramentas.

Por imposição, varre a casa do fim pro começo, terminando com a porta da sala, como se expulsasse o pó. O problema estava em varrer contra o vento. Quando chegava na mesa de jantar os quartos já estavam tomados pelo mesmo pó, reconfigurado.

E tinha rinite.

Mas mesmo hoje não mudou. Vasculhador, vassoura, pano molhado, com paradas regulares para checar se o frango, que tirara do congelador bem cedo, já tinha descongelado.

Cortou, temperou e deixou na bacia pro tempero pegar melhor. Catou arroz e foi ao quintal, pois tinha folhas pra salada e vinagreira para o arroz. Ela mesma plantou tudo, das sementes e talos que a casa jogava fora.

Cozinhou batatas e já dançava o bolero do pano molhado quando a campainha tocou. Prendeu o cachorro, trocou ração e água.

— Tão no quarto.

— Amarrou direito?

— Do jeito que tu mandou.

— O cachorro tá preso.

— Tá. Entra.

E foi acender o forno, que demorava pra pegar. Fez suco e ouviu no rádio sobre gente famosa.

O cheiro do frango cresceu e se misturou com o de óleo de peroba na atmosfera da casa.

— Peguei tudo. Vumbora!

— No banheiro tem uma caixa de absorventes. Pega lá.

— Tô.

Com uma faca de cozinha, abriu um por um até achar um anel grande, com cara de velho. Botou no bolso, com a faca. Jogou os retalhos no lixo, que puxou pelas bordas e amarrou a boca. Saiu e largou na porta.

— Bota no lugar — a caixa.

— Me empresta a faca.

— Usa os travesseiros.

Pôs a mesa, pra quatro, mesmo que um morasse fora e outro já tivesse morto.

— Vamo nessa!!

— Espera. Falta um pouco pro frango dourar.

Depositou a gordura da travessa em outra panela, jogou farinha amarela e mexeu.

Desligou o rádio.

Separou a coxa, que era dela, botou na bolsa com um papel alumínio.

— Pronto.

Na porta da rua, pediu que a esperasse atrás do jambeiro, tinha esquecido uma coisa.

Entrou. Viu os dois na cama. Atravessou o terreno até a casa do cachorro. Abriu a portinhola, o bicho pulou, correu em volta dela - como sempre fazia - deitou, rolou e ficou olhando o céu, de barriga pra cima, esperando a carícia.

Pluto levou 30 facadas.

foto: CGTextures

três filmes de amor

Bruno Azevêdo

filme 01

Cena 01

Ele entra no escritório do detetive. Noite. Interna. O detetive fuma e ele desconfia da mulher. Combinam preço, prazo e discrição total. Tomam um vinho.

Cena 02

Foge com o detetive para a África, após descobrir que ele é, na verdade Amauri, seu amigo de infância por quem sempre fora apaixonado e com quem, em 1962, compartilhou banhos em riachos e uma jaca madura.

Cena 03

Após 20 anos na áfrica, para onde fugiu com o detetive, entra em crise e deseja rever os filhos Alcides, Constância e Eleanor, que já devem estar crescidos sem lembrar a cara do pai. Eleanor é aeromoça. Constância casou com um bancário e Alcides cuida da mãe, que convalesce de câncer no intestino.

Cena 04

Descobre que sua mulher nunca lhe fora infiel e que tudo era um plano do detetive para levá-lo para a África e cumprir a promessa de infância: FLASHBACK à meia luz: “Quando a gente crescer, vamos morar na áfrica que nem o Tarzan”.

Cena 05

Demora um mês para comer o detetive inteiro e não deixar provas. Vende as fazendas e volta para o Brasil para rever a família. No vôo de volta, conhece e come Eleanor, com quem terá um filho. A mulher morre atropelada.

Cena 06

Dá palestras motivacionais, come sushis e arroz pregado e à noite, sofre de saudades da áfrica.

FIM

fotos: CGTextures

filme 02

Cena 01

Externa. Noite. A mulher do delegado volta para casa e não encontra nada do marido. Retratos, cuecas, brasão do Sampaio Correia. O marido também não está.

Cena 02

Entra na sala do detetive. Interna. Dia. Plano médio. Diz que precisa achar o marido que é delegado. O detetive diz que não acha delegado nenhum.

Cena 03

Casam-se e o detetive se muda para a casa do marido delegado que sumiu. A mulher faz bolos e suflês.

Cena 04

Mudam-se para a África, pois o detetive tinha um caso quente e a grana compensava. A mulher dava aulas de jardinagem. Detetive trabalha arduamente por 20 anos no caso e finalmente o desvenda. Ficam ricos e abrem uma creche.

Cena 05

O caso chamava Jucimara e, com ela, o detetive foge para o Brasil, depois de uma cirurgia plástica que lhe transforma em mulher. No Brasil, abre uma subsidiária da creche, que trafica rins e córneas para a costa do Marfim. Torna-se deputado federal.

Cena 06

Plano seqüência. Dia. Nublado. O delegado volta para casa, da guerra, não encontra a mulher e em todos os lugares que eram seus há fotografias do detetive com a mulher em todos os lugares que com ela um dia ele mesmo, o delegado, fora. Revê a sua vida com a mulher e as atrocidades que tivera que cometer na guerra. Perdoa a mulher pela similitude das fotos. Se ela repetiu com o detetive a vida que tivera com ele, o soldado delegado, é porque com ele foi bom. Enfarta no carpete.

FIM

filme 03

Cena 01
Close na plaqueta na porta da sala do detetive, o nome dele é Jurandir e ele sonha com alguém que um dia possa fugir com ele pra África, como num filme antigo. Come mortadela e ouve Odair José com afinco. Loira fatal entra na sala. Fala de um caso e paga por diária. Mulher mata o detetive.

Cena 02
Mulher foge com o dono da lanchonete para a África e lá ele abre o seu próprio escritório. Os dois fodem pouco, mas são felizes. Estudam línguas e culinária.

Cena 03
Dia. Contraluz. Jovem mulher entra na sala do detetive na África e trás uma foto do pai e outra do filho. Diz que procura o pai.

Cena 04
A mulher do detetive vira evangélica e abre uma Assembléia de Deus em Uganda, o que destrói o casamento, mas a salva para toda a eternidade. Eles não desfazem a união, mas ela não presta mais pra nada.

Cena 05
O detetive investiga o caso da moça mãe do filho do próprio pai, que aparentemente fugiu para a África 30 anos atrás. As pistas o levam de volta ao Brasil, onde acaba por se inscrever em uma palestra motivacional por pura falta do que fazer e encontra o investigado. Comem arroz pregado e, naquela mesma noite, decidem matar filha e mulher.

Cena 06
Fogem para a áfrica.

FIM

foto: CGTextures

DEFESA AO RECONHECIMENTO DO APTO 302, BLOCO 5A, BARRAMAR II COMO TERRA QUILOMBOLA

por bruno azevêdo
co-proprietário

CHEGARAM AO BRASIL EM 1500.



EM 1612, AO MARANHÃO.



PRA CÃ TROUXERAM NEGROS, QUE TRABALHAVAM FEITO O CÃO, DE BOL A BOL, DE GRACA.



TARJA PRETA TARJA PRETA TARJA PRETA

A ISTO CHAMAMOS ESCRAVIDÃO. A ESCRAVIDÃO É FODA, MALANDRO!

MuleKada



Complemento para o **Desafio dos Bandeirantes**
Os Quilombos da Lua
Lore: Eduardo Rêson • Ilustr: André Luis

OS ESCRAVOS ÀS VEZES FUGIAM E FORMAVAM COMUNIDADES CHAMADAS QUILOMBOS.





QUANDO OS QUILOMBOLAS BATIAM TAMBOR, FUMAVAM DIAMBA E FAZIAM MACUMBAS VUDUS, PREPARAVAM OS DESPACHOS.



E SUBIAM O MORRO, ONDE DEIXAVAM GALETOS E VELAS PRETAS E GARRAFAS DE CACHAÇA E OBJETOS ROUBADOS DAS FAZENDAS NA FUGA.



slz. jan 2011

Afrodisíaco pantaneiro

— Caldo de Piranha ganhou fama ao longo dos séculos de garantir uma performance digamos mais calorosa (mas também é bom para curar ressaca) —

Rodrigo Teixeira

10

fotos: Rodrigo Teixeira



Prove um caldo de piranha bem quente e espere o efeito chegar. A primeira sensação será o suor tomando as têmporas e depois uma energia extra dominando o corpo. O peixe é da mesma subfamília, a *Serrasalminae*, dos também populares pacu e dourado, e é comum em rios do Pantanal tanto do Mato Grosso do Sul quanto do Mato Grosso e também em toda na região amazônica. A piranha foi batizada com este nome pelos índios (na língua tupi-guarani, “pirá” significa peixe e “ranha” quer dizer dente; no Tupi “pira” também é peixe e “anha” significa corte) com certeza por causa da aparência de suas mandíbulas assustadoras.

Carnívoras e geralmente andando em grupo, elas são capazes de devorar pedaços enormes de carne em minutos. É justamente por esta voracidade que elas se tornam também uma presa fácil dos pescadores, pois as piranhas atacam a qualquer movimento e sentem de longe a presença de sangue na água.

O caldo de piranha indubitavelmente existe desde os tempos em que os indígenas eram soberanos na América do Sul, antes da chegada de portugueses e espanhóis. A fama de ser um prato que melhora o desempenho sexual atravessou os séculos, assim como o grande temor da população em torno do peixe. Este mito chegou até mesmo ao cinema. Lembro de ter ficado muito assustado depois de ter visto em 1978, com nove anos, o filme de terror *Piranha*, de Joe Dante, em que as danadas detonavam turistas *ianques*, crianças loirinhas e tudo mais que passava a sua frente. Fiquei um tempo grilado de tomar banho de rio!

Facinha, facinha... a receita

O melhor é que — ao contrário de outras receitas afrodisíacas — o caldo de piranha é fácil de fazer e tem um preço bem em conta, pois os ingredientes são baratos. As etapas da receita também são simples e rápidas. Em menos de uma hora o “levanta defunto” está pronto. Para quem é mestre-cuca principiante, o ideal é conseguir o peixe já limpo, livre das escamas e das víceras. Um detalhe que é importante é ter paciência para retirar a cabeça da piranha e o espinhaço e fazer o procedimento de coar o peixe.

Dois ingredientes podem ser adicionados ou não, depende do gosto do mestre-cuca: o gengibre para dar uma refrescada no sabor e a pimenta para deixar o prato ainda mais quente. Na região do Pantanal sul-mato-grossense, é comum também acrescentar açafrão (1 colher de chá), pimentão verde (1 unidade) e até leite de coco (1 copo) à receita. A fama de alimento poderoso pode ser devido ao alto teor de proteína que existe na carne da piranha. Se a iguaria ajuda mesmo a conseguir uma performance mais calorosa na hora do “rala e rola”, a ciência ainda não provou. No entanto, é certo que para, curar ressaca, é tiro e queda.



Ingredientes

4 piranhas limpas
 2 folhas de louro
 1 cebola grande picada
 2 colheres (sopa) de óleo
 1 colher (chá) de gengibre ralado
 2 colheres (sopa) de colorau
 ou 4 de extrato de tomate
 1 xícara de farinha de mandioca
 3 litros de água
 Sal a gosto
 Alho amassado
 Cheiro verde a gosto
 Suco de 1 limão
Pimenta do reino a gosto
** Porção de 4 a 6 pessoas*



Modo de preparo

(na receita de: Tânia Mara de Matogrosso)

Em uma panela grande coloque as piranhas limpas inteiras temperadas com limão, sal, alho, pimenta e cebola, acrescente as duas colheres de óleo. Frite-as levemente sem desmanchá-las. Coloque a água e deixe ferver. Adicione o louro, o gengibre, o colorau ou extrato de tomate. Ferva entre 20 e 30 minutos. Tire as piranhas da panela, retire a cabeça e o espinhaço, se possível coe bem. Leve o caldo novamente ao fogo, coloque a farinha aos poucos e deixe ferver. Sirva quente.





Criação expandida

Rafa Coutinho pulveriza a imaginação em projetos multimídia, que vão das artes gráficas e vídeo a uma e-loja (ou e-galeria?)

Rafael Coutinho | Perfil

Formado em artes plásticas pela UNESP e atuante em tantos projetos que é difícil listar, o artista Rafael Coutinho (ou simplesmente Rafa Coutinho), de São Paulo (SP), se desdobra entre ilustrações, quadrinhos, vídeos, pinturas e desenhos. Até pouco tempo, mantinha uma loja chamada “Cachalote”, que carregava o mesmo nome da HQ lançada no ano passado, fruto de uma parceria com o escritor Daniel Galera. Atualmente, Coutinho divulga uma coleção de HQs, o Projeto Mil, e trabalha na Mensur, HQ entre a “ação e o drama, com cara e gosto de cinema realista”. Em artes plásticas, seu trabalho é representado pela galeria Choque Cultural, em SP, e os outros, bem, estão por toda parte. Em entrevista, ele conta um pouco dessa pulverização, que se encontra em sentidos, buscas e processos nos quais o que não falta é imaginação.





Seu trabalho abrange diferentes suportes e meios de difusão. Para você, é tudo parte de um mesmo processo ou são atividades que seguem rumos distintos?



Como você promove o encontro entre o Rafael artista e o Rafael empreendedor? Quais são as pontes que você cria e como esses dois ramos de atividade alimentam sua criatividade?



Seguem rumos distintos, mas estão todas ligadas a uma vontade anterior, de expressão e ambição artística. Ainda tenho dificuldade de ver a relação entre as coisas que faço, mas aprendi que não devo tentar controlar muito isso. Algumas saem de desejos mais obscuros, outras são tentativas racionais de explorar algum aspecto da linguagem, outras são fruto da minha vontade de falar com um público específico. São diferentes esforços que preciso fazer para chegar em certos lugares psíquicos ou emocionais, entender coisas minhas e me posicionar frente ao mundo. Mas sei que tudo é da arte, e disso não tenho como fugir. Mas gosto de sair da arte também, trabalhar com comércio, a parte empresarial da coisa, o lado político, isso tudo me interessa também — e por vezes motiva o raciocínio artístico.

—

Confesso que ainda é novo para mim, embora eu já tenha tido a loja (Cachalote) por dois anos e uma experiência de união entre arte e comércio na Base-V. Sempre me encantei muito pelo aspecto reprodutível dos quadrinhos, e isso naturalmente foi se misturando com as outras coisas que faço. As animações tinham que ser pensadas sempre com uma estratégia de marketing e venda também, onde iriam passar, como alcançar o público. Quando trabalhava com arte de rua, a coisa sempre esbarrava nisso também, nesse encontro entre comunicação, meio e mensagem. Mas veio também como um alerta do período em que vivemos: percebi que se eu não vendesse minha ideia, ela morria rápido, me dava a sensação clara de que as coisas não estavam caminhando. Não demorou muito para eu desenvolver gosto pela criação de estratégias de disseminação do conteúdo. Ainda me sinto muito iniciante no assunto, mas adoro sentar com amigos que

entendem mais sobre isso e tentar compreender melhor, pegar dicas. Sempre me intrigou esse negócio de que quadrinhos no Brasil vendiam 200 mil cópias por mês, e estamos falando da Animal, Chiclete, Piratas, coisa suja e autoral. Esse público taí, expandiu, mas por algum motivo a informação não chega a eles, ou chega do jeito errado. Aos poucos, acho que conseguimos mudar isso.

—



Há algum tema ou narrativa que você considere recorrente?

Sim, mas só percebo depois de algum tempo. A piscina, por exemplo, começou a aparecer demais nos meus trabalhos, e até agora não entendo o porquê. Simbolicamente sei que ela representa um ambiente de fluidez e aprofundamento, de troca. Mas não me aventuro muito nessa coisa de buscar explicação demais, só quando percebo que preciso mesmo. Do contrário, prefiro deixar que a coisa exista e saia o quanto quiser e eventualmente buscar outros símbolos e fontes. É solto. O número “21” apareceu durante um tempo em quartos de hotel e chaves nas histórias, alguns animais também. E claro, sempre percebo que estou ali no meio, de repente, me encarando. Não fisicamente, mas minhas emoções e minha personalidade, meu passado. Sou um assunto recorrente, haha.

—





Fale um pouco da HQ *Cachalote*, projeto lançado em parceria com o escritor Daniel Galera. Como foi fazê-la?

Quem são suas grandes referências? Quem te motiva, quem te move e te inspira?



Foi ótimo, muito intenso e catártico. Foi o maior projeto que fiz, e fiz com o melhor parceiro para isso. Foi um processo de dois anos e meio, onde mergulhamos nas histórias de forma profunda, entregues ao tamanho da coisa. Ambos paramos quase que todo o resto em nossas vidas para nos dedicarmos quase que exclusivamente ao livro, e acho que fizemos um grande trabalho. E foi nesse livro que realmente me entreguei ao quadrinho, um meio que até então ainda tinha muitas dúvidas. Depois de 280 páginas não tem muito como duvidar, agora as dúvidas são outras.

Mas ali entendi o que de fato é ser quadrinista, a disciplina que o meio demanda, a concentração difusa e ciumenta que as páginas pedem, a pesquisa, e mais do que tudo, a parceria mesmo. Ambos deixamos um espaço muito livre de criação para que o outro opinasse e criasse, foi muito sincera a troca, muito generosa.

Tanta gente. Cineastas me motivam bastante. Gente com um raciocínio e sensibilidade aguda pro que faz me motiva. Cinema francês e sul-coreano me motiva, o Marcelo Camelo, o André Dahmer e o Allan Sieber me inspiram muito. O Carlos Latuff, os gêmeos Fabio [Moon] e Gabriel [Bá], o Tayio Matsumoto, a Jenny Saville, o Jaime Hernandez, o Tom Waits, o Suplicy. O meu pai [Laerte] me inspira muito, o Angeli me inspira. O Leonard Cohen, o John Fante, o Daniel Galera. Gente que, na minha opinião, achou o que procuro, o equilíbrio entre quem você é e o que você faz, uma certa coerência corajosa. Poder correr riscos criativamente e ainda assim manter um caminho claro, sem ter que forçar o processo.

Quais são suas ideias pela frente? O que há em vista?

Tenho trabalhado no meu primeiro romance gráfico solo, chamado Mensur, com previsão de término para o começo do ano que vem. Faço uma série minha pro IG Jovem, um projeto do qual sou curador e que conta com grandes desenhistas dos quatro cantos do Brasil. Neste mês comecei a trabalhar em novas pinturas num projeto de cinema e pintura que escrevi e dirigi com o apoio da produtora Sala 12, aqui de São Paulo (além de inúmeros profissionais que nos ajudaram e ainda ajudam a levar a cabo a ideia). Montei uma e-loja com produtos meus e do meu pai chamada Narval e administro isso com a ajuda de um funcionário muito parceiro, o André Lima, e sou editor de um projeto de quadrinhos chamado MIL, que conta com 12 artistas que são publicados mensalmente em diversas cidades do país. Se sobrevivermos até o fim disso tudo, acho que será um bom ano de trabalho.

Você já se imaginou ‘não-artista’? Ou a arte é pra você quase um traço de personalidade?

Fantasio com isso todo dia, mas como quem cria personagens e vidas paralelas, e não por frustração. Sou feliz como artista. Tenho mil medos e inseguranças, acho um pouco maldição essa necessidade de se expressar o tempo todo, a criação é um processo extremamente egoico e alienante, viver uma vida em torno disso pode ser bem enlouquecedor. Mas acho que é uma necessidade anterior ao processo criativo, é parte da personalidade mesmo, você tem razão. Não precisa ser introspectivo ou expansivo, você pode ser um artista de qualquer formato e intensão. Mas acho que tem a ver com buscar os outros caminhos do mundo, da existência. O artista é aquele cara que realmente não consegue ser mais nada além daquilo. Não acho que exista a profissão de artista, assim como outras como engenheiro ou advogado. Acho que está mais para um desvio de personalidade do que qualquer outra coisa, como o caráter ou a grosseria, a elegância. Algo como “ah, conheço o fulano, casado com beltrana, fala rápido, rói unha, meio artista”.

